

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, DESIGN E ARTES - FAMECOS
JORNALISMO

PEDRO HENRIQUE GIL ZUBARAN ZANDOMENEGHI

**JORNALISMO LITERÁRIO, *JOURNALISM OF ATTACHMENT* E A GUERRA CIVIL
ESPANHOLA: UMA ANÁLISE DA OBRA *A ÁRVORE DE GERNIKA***

Porto Alegre
2019

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS

PEDRO HENRIQUE GIL ZUBARAN ZANDOMENEGHI

**JORNALISMO LITERÁRIO, *JOURNALISM OF ATTACHMENT* E A
GUERRA CIVIL ESPANHOLA: UMA ANÁLISE DA OBRA *A ÁRVORE DE
GERNIKA***

Porto Alegre

2019

PEDRO HENRIQUE GIL ZUBARAN ZANDOMENEGHI

**JORNALISMO LITERÁRIO, *JOURNALISM OF ATTACHMENT* E A
GUERRA CIVIL ESPANHOLA: UMA ANÁLISE DA OBRA *A ÁRVORE DE
GERNIKA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e Design – FAMECOS da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Juan de Moraes Domingues

Porto Alegre

2019

PEDRO HENRIQUE GIL ZUBARAN ZANDOMENEGHI

**JORNALISMO LITERÁRIO, *JOURNALISM OF ATTACHMENT* E A
GUERRA CIVIL ESPANHOLA: UMA ANÁLISE DA OBRA A ÁRVORE DE
*GERNIKA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e Design – FAMECOS da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Dr. Juan de Moraes Domingues – PUCRS

Prof. Dr. Cláudio Costa Mércio – PUCRS

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva – PUCRS

Porto Alegre
2019

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Juan de Moraes Domingues, por sempre ser solícito e atencioso, pelos ensinamentos ao longo do curso de jornalismo e por ter me passado a confiança necessária para a conclusão do meu trabalho.

Aos meus pais, pelo apoio, amor, paciência e por sempre terem me incentivado a ser leitor e manter uma pulga atrás da orelha. Sem vocês eu não seria quem eu sou.

À Milena, por ter me ajudado sempre, pelo carinho, pelo afeto e por sempre me manter motivado. Tu me ajuda a ser uma melhor pessoa.

Ao Eduardo e à Marina, pela amizade e por terem feitos apontamentos pertinentes em relação ao meu trabalho para que esta monografia fizesse sentido. Obrigado pela ajuda e por serem meus amigos.

E a todos que passaram no meu caminho ao longo dos meus anos na Famecos. Aprendi muito com os mais variados professores e pessoas que conheci e todas essas experiências me ajudaram a ser um estudante e uma pessoa melhor.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso se propõe a analisar o livro *A Árvore de Gernika: Um estudo de campo da guerra moderna*, do jornalista inglês George Steer. A obra, cuja primeira edição foi publicada em janeiro de 1938, conta em detalhes a luta dos bascos, povo da região norte da Espanha, por sua autonomia e liberdade durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Para a realização do trabalho, foi feita primeiramente uma pesquisa bibliográfica para a contextualização e entendimento dos conceitos de jornalismo literário e *journalism of attachment*. Na sequência, é apresentada uma recapitulação dos principais eventos da guerra para que se obtenha um entendimento geral do conflito. Posteriormente, as leituras preliminares serve para embasar a análise do livro. A metodologia escolhida para este fim foi a análise de conteúdo. Durante a análise, é apresentada a ideia de que o jornalismo praticado por Steer pode ser categorizado como *journalism of attachment* pois o jornalista claramente defendeu a causa basca durante sua cobertura por compartilhar valores e ideais semelhantes ao do povo basco. O jornalismo literário está presente na obra como um recurso para a construção da narrativa.

Palavras-chave: Jornalismo literário. Guerra Civil Espanhola. Journalism of attachment.

ABSTRACT

The objective of this monography is to analyze the book *The Tree of Gernika: A field study of modern war*, written by British journalist George Steer. The book, which first editions was published in January, 1938, explains in details the Basque people fight for its autonomy and freedom in the north part of Spain during the Spanish Civil War (1936-1939). For the fulfillment of this work, one has done a bibliographical research in order to understand and contextualize the concepts of literary journalism and journalism of attachment. Subsequently, it is made a fast recapitulation of the war and its most important moments in order to contextualize the conflict. Afterwards, the previous readings serve the purpose to give the theoretical ground in order to better understand the analysis. During the analysis, the methodology used is content analysis. Furthermore, it is introduced the idea that Steer's work might be categorized as journalism of attachment for the journalist clearly defended the Basque cause while covering the conflict. It is concluded that it is possible to argue that it Steer's coverage of the Spanish Civil War is journalism of attachment because the reporter shared the same democratic values as the Basque people did. The journalist ultimately uses literary journalism techniques in order to tell the story of the war.

Key-words: Literary journalism. Spanish Civil War. Journalism of attachment.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	JORNALISMO E GUERRA.....	12
2.1	A OBJETIVIDADE E O JORNALISMO LITERÁRIO.....	12
2.2	A SUBJETIVIDADE E O JOURNALISM OF ATTACHMENT.....	19
3	O CONFLITO.....	25
3.1	O CAMINHO DA GUERRA.....	25
3.2	A GUERRA E SEUS PRINCIPAIS MOMENTOS.....	29
3.2.1	<i>A batalha de Madri.....</i>	31
3.2.2	<i>A batalha de Málaga.....</i>	32
3.2.3	<i>Ofensiva no norte e destruição de Guernica.....</i>	33
3.3	A TOMADA DE MADRI E A ASCENSÃO DE FRANCO AO PODER.....	37
4	ANÁLISE.....	40
4.1	AO POVO BASCO.....	40
4.1.1	<i>Capítulo 3 - A democracia basca.....</i>	42
4.1.2	<i>Capítulo 10 - Estadia em Bilbao.....</i>	45
4.1.3	<i>Capítulo 11 - Uma crônica basca.....</i>	50
4.1.4	<i>Pelo povo basco.....</i>	52
4.2	O ESPÍRITO E A TRAGÉDIA BASCA.....	53
4.2.1	<i>Capítulo 10 - O jornalismo literário como tradutor das qualidades bascas.....</i>	54
4.2.2	<i>Capítulo 21 - A destruição de Gernika e o impacto da guerra.....</i>	57
5	CONCLUSÕES.....	64

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INTRODUÇÃO

O jornalista George Lowther Steer definiu-se na guerra. Lá, posicionou-se, lutou, trabalhou, acreditou. Compartilhou de ideais semelhantes aos dos guerreiros que cobriu em suas jornadas de trabalho para o *The Times*. Esteve no lado dos etíopes durante a invasão italiana ao país, em 1935, e um ano depois, estava no País Basco para reportar a batalha que ali foi travada contra as forças do general Francisco Franco, que tentava dizimar qualquer resistência ao seu golpe de Estado com a ajuda da Alemanha e da Itália.

Nesta monografia, a obra mais marcante de Steer, *A Árvore de Gernika: Um estudo de campo da guerra moderna*, será o objeto de estudo. Impactante pela força de seu relato (é famosa a história de que Pablo Picasso pintou “Gernika” após ler reportagem de Steer sobre o bombardeio, publicada no *The Times* em abril de 1937), o livro também ganha relevância para os estudiosos do jornalismo, tanto pela linguagem e escrita do autor quanto pelo jornalismo praticado e espelhado na obra.

Atualmente, falar que o jornalismo é imparcial faz parte do senso comum. Em diversos momentos da história, a imparcialidade foi um pilar fundamental da prática. Um ponto distante no horizonte dos repórteres que queriam praticar um jornalismo sério e informativo. Já se esteve muito próximo de alcançá-la; hoje, distancia-se cada vez mais. Mas nunca foi palpável. Sua prima mais próxima, a objetividade, aproxima-se do concreto. Entre os teóricos, é a mais viável. Ainda assim, utópica.

Mas nos anos 1930, esses dois conceitos eram, volta e meia, misturados. Ainda assim, de extrema importância. Serviam de guia. Ajudaram a consolidar o *Lead*, perguntas básicas para o desenvolvimento do texto jornalístico (o quê, quem, onde quando, como, por quê). Uma ferramenta de produção, quase industrial, para que o texto fosse preciso, informativo, limpo. Ainda assim, incompleta. Porque ao mesmo tempo em que reinava e marcava uma era importante para o jornalismo — tendo seu início com a aquisição do *The New York Times* por parte de Adolph Ochs e a mudança da linha editorial do jornal em 1896 —, não era suficiente para reportagens de fôlego, que abordavam assuntos complexos, como os diversos conflitos que ocorreram na primeira metade do século XX.

Há uma série de exemplos que podem ser citados: além de Steer, por exemplo, Martha Gellhorn também produziu reportagens sobre a Guerra Civil Espanhola que nada tinham a ver com informação jornalística factual, objetiva ou imparcial. Ainda na década de 1930, nos Estados Unidos, James Agee foi ao Alabama e escreveu uma reportagem sobre os efeitos da Grande Depressão e como viviam os pobres trabalhadores brancos de lá. Extensa, detalhada, completa, nunca foi publicada em algum jornal ou revista. Em 1941, virou livro — *Elogiemos os homens ilustres* — e pode ser considerada, hoje, uma leitura fundamental para qualquer um interessado em jornalismo literário ou jornalismo de qualidade.

Portanto, para o desenvolvimento deste trabalho, foram desenvolvidas uma série de problemas e objetivos de pesquisa, com destaque nas nuances entre distanciamento e envolvimento com o objeto analisado para a realização de um produto jornalístico. Tomando como ponto de partida o conceito de *journalism of attachment*, cunhado pelo jornalista de guerra britânico Martin Bell, que defende ser impossível manter um posicionamento imparcial e não tomar nenhum lado nas coberturas de conflitos armados — seja conscientemente ou inconscientemente —, o foco deste estudo será a análise e a compreensão de *A Árvore de Gernika* para entender o possível motivo de Steer de abdicar de dogmas jornalísticos para produzir seu livro. Em questão de gênero jornalístico, a obra possui características do jornalismo literário, como a descrição cena a cena dos acontecimentos, a utilização de diálogos e ambientação e o detalhamento do ambiente e dos personagens envolvidos na história contada (PENA, 2006; WOLFE, 2005). Sendo assim, o trabalho tentará responder: 1) Como é possível identificar e aplicar o conceito de *journalism of attachment*, cunhado por Martin Bell em 1992, no livro-reportagem *A Árvore de Gernika*, de G. L. Steer?; 2) Como é possível identificar as características do jornalismo literário no livro *A Árvore de Gernika*?; e 3) Como a Guerra Civil Espanhola é representada no livro *A Árvore de Gernika*, de G. L. Steer?.

Para a realização desta monografia, foram escolhidos dois procedimentos metodológicos: documentação, cuja finalidade é “recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta” (FONSECA, 2002, p. 32), por meio da técnica de pesquisa bibliográfica, e análise de conteúdo, técnica que permite “a inferência de conhecimentos relativos às condições

de produção e recepção dessas mensagens” (BARDIN, 1972 apud GERHARDT et al., 2009¹).

O autor da monografia espera que esse estudo contribua para um entendimento maior do leitor sobre o conflito, que provoque reflexões em relação ao papel do jornalista na cobertura de guerra e que se tenha uma dimensão do impacto da guerra nos seres humanos.

¹ BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1979.

2 JORNALISMO E GUERRA

Neste capítulo inicial, serão abordados e explicados cinco termos importantes para a compreensão desse estudo: jornalismo literário, objetividade jornalística, subjetividade, correspondência de guerra e o *journalism of attachment*. O entendimento desses conceitos, suas nuances e suas conexões darão o suporte teórico necessário para o desenvolvimento de uma análise apropriada e sustentável presente no capítulo de análise da presente monografia.

2.1 A OBJETIVIDADE E O JORNALISMO LITERÁRIO

O contexto histórico da imprensa mundial é importante para a análise posterior do livro *A Árvore de Gernika* para situar a relevância da obra para a época e para o jornalismo. Ciro Marcondes Filho (2000, p.48) faz uma categorização cronológica dos períodos de desenvolvimento da imprensa mundial.

- Pré-história do jornalismo: de 1631 a 1789. Caracterizada por uma economia elementar, produção artesanal e forma semelhante ao livro.
- Primeiro jornalismo: 1789 a 1830. Caracterizado pelo conteúdo literário e político, com texto crítico, economia deficitária e comandado por escritores, políticos e intelectuais.
- Segundo jornalismo: 1830 a 1900. Chamada de imprensa de massa, marca o início da profissionalização dos jornalistas, a criação de reportagens e manchetes, a utilização da publicidade e a consolidação da economia de empresa.
- Terceiro jornalismo: 1900 a 1960. Chamada de imprensa monopolista, marcada por grandes tiragens, influência das relações públicas, grandes rubricas políticas e fortes grupos editoriais que monopolizam o mercado.
- Quarto jornalismo: de 1960 em diante. Marcada pela informação eletrônica e interativa, como ampla utilização da tecnologia, mudança das funções do jornalista, muita velocidade na transmissão de informações, valorização do visual e crise da imprensa escrita.

Como observa Felipe Pena (2006), a categorização de Marcondes Filho aponta que a influência da literatura na imprensa é muito mais forte no primeiro e segundo jornalismo. Nesse período, os jornais e suas linhas editoriais eram comandadas por políticos e escritores, que descobriram na imprensa uma nova força. A fusão de narrativas literárias com a informação jornalística nas reportagens -

e a presença da literatura nas páginas de jornais ajudaram na venda de exemplares, o que levava a uma diminuição dos preços e ao aumento de circulação.

A partir do terceiro jornalismo, a presença da literatura na imprensa — seja ela em sua forma bruta, seja ela como um recurso técnico-estilístico para o texto jornalístico — diminuiu drasticamente. Em 1896, um pouco antes da virada do século, Adolph Ochs compra o jornal norte-americano *The New York Times* e promove uma série de mudanças editoriais, separando de maneira clara o texto informativo e o texto opinativo. Em um texto publicado no dia 19 de agosto do mesmo ano, Ochs exaltou a nova postura do *Times* e explicitou o objetivo de publicar todas as notícias de uma maneira imparcial, sem favorecer qualquer lado envolvido (SCHUDSON, 2010).

Em pouco tempo, o modelo implementado pelo jornal tornou-se referência não apenas para o jornalismo norte-americano, mas para outros veículos internacionais e para a imprensa brasileira. Marcondes Filho (2000) considera o início do século XX como o período do jornalismo marcado pelas grandes tiragens, dominado por uma imprensa monopolista que entrava em conflito com a crescente influência das relações públicas. Schudson (2010) faz considerações semelhantes acerca da evolução da imprensa, apontando que na mesma época, com o surgimento dos primeiros cursos de jornalismo em universidades americanas e a padronização de textos informativos para os jornais, o *lead* (as perguntas básicas para a produção do texto jornalístico — o quê, quem, onde, quando, como e por quê) se consolida como ferramenta jornalística. A partir da década de 1920, entretanto, um novo elemento entra na equação: a objetividade.

Em suma, a objetividade que os jornalistas incessantemente buscavam significava que “as afirmações de uma pessoa sobre o mundo podem ser confiáveis se forem submetidas a regras estabelecidas consideradas legítimas pela comunidade de profissionais” (SCHUDSON, 2010, p. 17). Os fatos poderiam ser verificáveis e são compostos por diversas afirmações consensualmente validadas a respeito deles próprios (SCHUDSON, 2010). Sucintamente, os fatos envolvendo a produção de uma notícia seriam o próprio reflexo da realidade.

Entretanto, o conceito e o entendimento da objetividade jornalística nem sempre foi claro e passou por diversas alterações. Inicialmente, servia como uma

alternativa para a separação entre informação e opinião, precedendo a grande influência da literatura no jornalismo e vice-versa. Era uma alternativa ao jornalismo mais “opinativo, ideológico e partidário”. Mas a preocupação com a objetividade também se refletiu na conduta e nos procedimentos profissionais do jornalismo, principalmente com a Teoria do Espelho, que defendia que os fatos eram reflexos da realidade e deveriam falar por si só (DAVID, 2014).

Argumentando que nessa época havia a crescente impressão entre jornalistas de que os fatos, ou o que se havia tomado como fato, não poderiam ser confiáveis por si só e que, paralelamente, cresciam nos jornais a presença de novos gêneros de reportagem subjetiva, como a coluna política, Schudson (2010) aponta que a ascensão da objetividade como uma *meta* (grifo meu) se deu pela necessidade de substituir “uma simples confiança nos fatos por uma lealdade a normas e procedimentos criados por um mundo no qual os próprios fatos estavam em questão” (SCHUDSON, 2010, p. 17). A demanda pela objetividade nas redações surgiu, principalmente, por:

Repórteres diários [que] ainda precisavam acreditar no valor de seu melhor trabalho na busca e apresentação dos fatos. Eles necessitavam de uma estrutura dentro da qual poderiam levar o próprio trabalho a sério e convencer seus leitores e críticos a levá-los a sério também. Isso era o que a noção de ‘objetividade’, como fora elaborada nas décadas de 1920 e 1930, tentava oferecer (SCHUDSON, 2010, p.178)

Mesmo com a crescente ubiquidade da objetividade no jornalismo, os próprios repórteres sabiam de sua “impossibilidade”:

A objetividade tornou-se um ideal no jornalismo, não obstante, precisamente quando a impossibilidade de superar a subjetividade na apresentação da notícia passou a ser amplamente aceita, e, como afirmei, precisamente *porque* a subjetividade passara a ser considerada como inevitável (SCHUDSON, 2010, p. 185)

Talvez por ser inatingível, o ideal da objetividade, principalmente no jornalismo americano, perde força a partir dos anos 1960, período que tanto Marcondes Filho (2000) como Schudson (2010) reconhecem como pontos de

ruptura, principalmente para a imprensa escrita. E é nessa mesma década que o movimento do Novo Jornalismo ganha força.

O Novo Jornalismo foi uma espécie de corrente, uma nova vertente jornalística que se propagou e ficou famosa nos anos 1960. Não foi um marco do surgimento do jornalismo literário, cuja origem é difícil de rastrear até mesmo pela constante fusão entre fato e narrativa literária que marcou o início do jornalismo no final do século XVIII como uma prática numa sociedade democrática e de livre mercado. Muitos autores famosos escreveram trabalhos de não-ficção em seus livros e para publicações impressas — como Charles Dickens, Honoré de Balzac e Mark Twain —, mas seus textos só foram considerados como “jornalismo literário” posteriormente por estudiosos (MARCONDES FILHO, 2000; SCHUDSON, 2010; WOLFE, 2005).

Felipe Pena (2006) propõe uma reflexão acerca do termo “jornalismo literário”, suas possíveis definições e divisões em sub-gêneros jornalísticos. Comparando-o com uma “estrela de sete pontas”, argumenta que o conceito é muito mais amplo do que “exercitar a veia literária em um livro-reportagem”.

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embulhar o peixe na feira (PENA, 2006, p. 6)

Essa breve definição é seguida de reflexões sobre o jornalismo literário no mundo inteiro. Estudiosos, no geral, possuem a tendência de classificar e criar novos termos e significados sobre diversos assuntos. Porém, a ideia de delimitar um tema em um gênero ou conceito também serve para ampliar as capacidades reflexivas acerca dele, gerando novas estratégias de análises de discurso, tipologias, funções e outras categorias (PENA, 2006).

No caso do jornalismo literário, uma de suas possíveis origens está ligada ao início da imprensa, quando o texto possuía características — em forma e estilo — similares às narrativas literárias e os jornais estavam, também, surgindo como um novo espaço para a divulgação de produção autoral. Nesse caso, sua definição pode

estar fundada no período histórico em que escritores assumiram funções como editores, articulistas e cronistas, no século XIX. Outros estudiosos classificam o gênero como a crítica de obras literárias veiculadas nas páginas de um jornal ou revista. Mas a definição supracitada, inspirada em uma estrela de sete pontas, é a mais útil para esta monografia, pois engloba o movimento do Novo Jornalismo, as biografias, o livro-reportagem e o romance-reportagem (MARCONDES FILHO, 2000; PENA 2006).

O Novo Jornalismo, como movimento e gênero, possui quatro características (ou recursos): a construção cena a cena, “recorrendo o mínimo possível à mera narrativa histórica” (WOLFE, 2005, p. 54); o registro de diálogos realistas completos, que “envolve o leitor mais completamente do que qualquer outro recurso” (WOLFE, 2005, p. 54); o ponto de vista em terceira pessoa, que constitui na técnica de de apresentar uma cena por intermédio de um personagem particular, “dando ao leitor a sensação de estar dentro da cabeça do personagem, experimentando a realidade emocional da cena como o personagem a experimenta” (WOLFE, 2005, p. 54); e o “registro de gestos, hábitos, maneiras, costumes [...] e outros detalhes simbólicos do dia-a-dia que possam existir dentro de uma cena” (WOLFE, 2005, p. 55), características de um realismo que se coloca como ponto central no texto pelo “detalhamento do status de vida” (WOLFE, 2005, p. 80) do personagem.

Postas lado a lado, a definição estrelar do jornalismo literário proposta por Pena (2006) e as características do Novo Jornalismo de Wolfe (2005) se complementam. Um destaque muito grande é dado não somente ao estilo do texto, mas também à possibilidade do uso de técnicas literárias e a necessidade de atingi-las por meio de uma extrapolação das práticas de apuração e da potencialização de recursos jornalísticos. Na década de 1960, os repórteres que estavam entrando de cabeça no Novo Jornalismo, abusando dos elementos elencados por Wolfe acima,

estavam indo além dos limites convencionais do jornalismo, mas não apenas em termos de técnica. [...] Eles tinham desenvolvido o hábito de passar dias, às vezes até semanas, com as pessoas sobre as quais escreviam. Tinham de reunir todo o material que o jornalista convencional procurava — e ir além. Parecia absolutamente importante *estar ali* quando ocorressem as cenas dramáticas, para captar o diálogo, os gestos, as expressões faciais, os detalhes do

ambiente. A ideia era dar a descrição objetiva completa, mais alguma coisa que os leitores sempre tiveram de procurar em romances e contos: especificamente, a vida subjetiva ou emocional dos personagens. Por isso foi tão irônico quando os velhos guardiões tanto do jornalismo como da literatura começaram a atacar o Novo Jornalismo como “impressionista”. As coisas mais importantes que se tentava em termos de técnica dependiam de uma profundidade de informação que nunca havia sido exigida do trabalho jornalístico (WOLFE, 2005, p. 37-38)

A influência do Novo Jornalismo na década de 1960 se dá muito em razão do contexto histórico e das transformações do período em que o movimento esteve inserido. Foi um momento de transição, de reavaliação de conceitos morais e de mudanças de caráter social que acometeram o mundo inteiro. A maneira como os expoentes do movimento escreviam na época poderiam ser interpretadas como um reflexo dessas modificações sociais, um espelho distorcido — em constante mutação — dos jornalistas que procuravam acompanhar a avalanche de acontecimentos que se sucediam na vida das pessoas (RESENDE, 2002).

Dessa forma, os jornalistas envolvidos com o movimento eram testemunhas da “emergência dos fatos sociais e culturais que os romancistas insistiam em desconsiderar [...], deixando aos novos jornalistas o caminho livre para que exercitassem um relato histórico-jornalístico” (RESENDE, 2002, p. 21). Os textos jornalísticos produzidos pelos expoentes do movimento tentavam abraçar essa realidade de uma maneira mais subjetiva, sobrepondo as tênues linhas entre jornalismo e literatura. “O jornalismo literário já era um recurso utilizado nos primórdios da imprensa, mas, dessa vez, parecia acontecer uma retomada mais consciente e que deixava transparecer um confronto mais diário entre os dois campos” (RESENDE, 2002, p. 28).

Em defesa às diversas críticas ao Novo Jornalismo, principalmente em relação aos repórteres que optavam pela narração em primeira pessoa, num formato autobiográfico, Wolfe (2005) argumentou que os melhores trabalhos do movimento foram feitos em terceira pessoa, rechaçando as considerações de que o Novo Jornalismo seria subjetivo. Entretanto, a mistura entre objetividade e subjetividade em textos com extensos recursos literários não poderia ser negada, e isso não significa, necessariamente, algo ruim. O “apagamento” do narrador no texto, terceirizando a história, por assim dizer, tem como objetivo um *efeito de objetividade*

(grifo da autora), pois “o peso dado ao referente externo cria ilusão de sua autonomia, de uma existência independente da linguagem” (SATO, 2005, p. 31). Mas na realidade, “ao exigir-se do jornalista o uso da terceira pessoa que garantiria formalmente a impessoalidade do discurso, tem-se como resultado um discurso esvaziado, que acaba por ocultar o processo social que possibilitou a notícia” (SATO, 2005, p. 31).

A questão é que o Novo Jornalismo, além de movimento, serviu como uma ponte para alterações do fazer jornalístico, e sua influência extrapola seu próprio campo, fundindo-se, por consequência, com a literatura.

As diversas crises dos anos 60, que deram lugar a formas do *novo jornalismo* não só nos Estados Unidos, como também em toda América Latina e na Europa, são um excelente exemplo de como a ruptura de fronteiras (também neste âmbito) fecundou a criatividade informativa no âmbito do jornalismo (sobretudo em gêneros como o artigo de opinião, a crônica, a reportagem e a entrevista) de modo que permitiu um importante impulso às formas de escrita literária que adotam a retórica do jornalismo (MEDEL, 2005, p. 21)

Além de provocações em relação a questões estéticas do texto jornalístico, o que por si só gerou críticas, o jornalismo literário praticado nos anos 1960 ajudou a catapultar uma reflexão acerca de impessoalidade, da isenção e da objetividade jornalística. As reportagens produzidas buscavam uma profundidade sem antecedentes. E a mescla com elementos literários oriundos do realismo davam possibilidade à narração dos fatos de um modo jornalístico mais completo (RESENDE, 2002; WOLFE, 2005).

Sendo assim, significa, certamente, um salto em relação à prática jornalística tradicional e, é de se supor, configura um modo que veio viabilizar a reflexão sobre esse discurso calcado na isenção e imparcialidade do relato. O Novo Jornalismo, de algum modo, veio desconstruir o discurso no qual o próprio jornalismo parecia se amparar, provocando, conseqüentemente, um repensar acerca do fazer jornalístico (RESENDE, 2002, p. 45-46)

Nesse caso, os jornalistas estavam aprendendo a “aliar a objetividade e a subjetividade” (DAVID, 2014, p. 24). O reconhecimento da falibilidade da objetividade — mesmo quando no ápice de sua crença no jornalismo norte-americano, nos anos 1930, já se reconhecesse seus próprios limites e tinha-se

noção de que ela era um mito ou um ideal (SCHUDSON, 2010) — foi tardio, principalmente porque muitos jornalistas a defendiam como um valor, uma crença.

Os jornalistas passaram a acreditar na objetividade, na dimensão em que o fizeram, porque queriam, precisavam, foram forçados pela aspiração humana comum a buscar uma fuga de suas próprias convicções profundas acerca da dúvida e direção (SCHUDSON, 2010, p. 187)

A necessidade de ter a objetividade como método e prática se dá, portanto, no reconhecimento de que o jornalismo não é objetivo.

Na prática, o jornalismo sabe, a objetividade é redondamente impossível. Também na prática, contudo, todos continuam acreditando nela — e ela está no fundamento do pacto de confiança que a imprensa mantém com a sociedade (BUCCI, 2006, p. 92)

2.2 A SUBJETIVIDADE E O JOURNALISM OF ATTACHMENT

Entendendo anteriormente — apesar de terem definições bem distintas — que o jornalismo literário e a objetividade são dois componentes do jornalismo que dialogam entre si, partimos para as discussões acerca das relações entre a correspondência de guerra e o *journalism of attachment*.

Maria Jandyra C. Cunha (2012) aponta que o conceito de jornalismo de guerra é encontrado dentro de um gênero que pode ser classificado como *narrativas sobre guerras*. Essas narrativas seriam “o relato mais amplo da guerra feito por narradores diversos, não necessariamente jornalistas” (CUNHA, 2012 apud DAVID, 2014, p. 12²). O jornalismo de guerra, portanto, seria o jornalismo que trata do tema, apesar de não ser necessariamente desenvolvido no “teatro da guerra” e ou por jornalistas, mas por quem está à serviço do jornalismo. E a correspondência de guerra pode ser definida como a transmissão periódica de notícias de um conflito por

²CUNHA, Maria Jandyra C. **História com tinta, voz e sangue**. Narrativas na correspondência de guerra do século XX. In: Fábio Henrique Pereira; Dione Oliveira Moura; Zélia Leal Adghirni. (Org.). **Jornalismo e Sociedade**: Teorias e Metodologias. 1a. ed., Florianópolis: Insular, 2012.

parte de repórteres que trabalham para órgãos de imprensa (CUNHA, 2012 apud DAVID, 2014, p. 13³).

Segundo McLaughlin (2002), estudiosos da comunicação e diversos correspondentes de guerra apontam para a influência do trabalho pioneiro do britânico William Howard Russell durante a Guerra da Crimeia (1853-1856) para o jornal inglês *The Times*. Sua atuação engloba corretamente a definição de Cunha (2012 apud DAVID, 2014⁴) sobre o trabalho do correspondente. Com uma certa frequência — indicando periodicidade — ele despachava notícias de uma guerra para um veículo de imprensa. Atuando como correspondente ao longo do século XIX, Russell já demonstrava características que seriam valorizadas posteriormente no jornalismo e na cobertura de guerra no geral. Era um “observador de eventos, não um participante” que ajudou a estabelecer a busca pela verdade e a “crença de que a sociedade só pode ser justa e saudável se for abençoada com uma imprensa independente, crítica e corajosa⁵” (HANKINSON, 1982 apud McLAUGHLIN, 2002, p. 20⁶). Russell é valorizado por ser considerado por muitos como o primeiro correspondente de guerra (McLAUGHLIN, 2002), uma vez que o jornalismo de guerra já podia ser encontrado em jornais da Europa desde a Guerra Civil da Grã-Bretanha, no século XVII (PENA, 2005).

A origem do *journalism of attachment* é posterior, mas sofre influência direta da guerra e do tipo de jornalismo que deve ser praticado na cobertura de conflitos. O termo foi cunhado em meados dos anos 1990 pelo correspondente da BBC (British Broadcasting Corporation) Martin Bell, que advoga que os repórteres participem do conflito que eles estão cobrindo e, conseqüentemente, façam parte do debate público acerca do acontecimento, advogando pelo seu fim (RUIGROK, 2008). *Journalism of attachment* (jornalismo de afeto⁷) é o tipo de jornalismo que leva em

³ CUNHA, Maria Jandyra C. **História com tinta, voz e sangue**. Narrativas na correspondência de guerra do século XX. In: Fábio Henrique Pereira; Dione Oliveira Moura; Zélia Leal Adghirni. (Org.). **Jornalismo e Sociedade: Teorias e Metodologias**. 1a. ed., Florianópolis: Insular, 2012.

⁴ CUNHA, Maria Jandyra C. **História com tinta, voz e sangue**. Narrativas na correspondência de guerra do século XX. In: Fábio Henrique Pereira; Dione Oliveira Moura; Zélia Leal Adghirni. (Org.). **Jornalismo e Sociedade: Teorias e Metodologias**. 1a. ed., Florianópolis: Insular, 2012.

⁵ Tradução livre.

⁶ HANKINSON, Alan. **Man of Wars: William Howard Russel of The Times**. London: Heinemann, 1982.

⁷ Tradução livre.

consideração os custos humanos e emocionais da guerra, um tipo de jornalismo que não só reporta, mas que também se importa (MEURET, 2015).

Assim como o movimento do Novo Jornalismo o fez, o *journalism of attachment* traz discussões acerca da objetividade no jornalismo. No texto *Truth is Our Currency*, Bell questiona o significado da objetividade e se ela realmente existe, uma vez que vê a atividade de reportar os fatos em si essencialmente subjetiva.

Jornalismo frio e objetivo tem o seu lugar mas não no meio de uma guerra brutal ou calamidade humana. É possível [ser objetivo] na cobertura doméstica de política e é uma exigência regulamentar para as notícias de televisão mas é inadequado para atender as necessidades do bom repórter de guerra⁸ (BELL, 1998 apud McLAUGHLIN, 2002, p. 154⁹)

Portanto, os jornalistas que praticam o *journalism of attachment* tomariam lados nos conflitos, diferenciando o correto e o errado no confronto. É um jornalismo que advoga, que tem viés, que toma partido e defende um lado (RUIGROK, 2008). Para Bell, por exemplo, que trabalhou na Guerra da Bósnia (1992-1995), cobrir um conflito de acordo com as normas tradicionais do jornalismo objetivo remove qualquer tipo de conteúdo moral da história. O que sobra, nesses casos, é um espetáculo vazio (McLAUGHLIN, 2002).

O *journalism of attachment* é, por consequência, uma ideia jornalística oposta ao tipo de jornalismo que inunda o rádio, a televisão e os jornais no geral. Na cobertura de conflitos, vai no sentido oposto ao modelo jornalístico tradicional porque reconhece a impossibilidade da objetividade. Além disso, compreende que nas guerras há pelo menos dois lados opostos, e que a noção de tentar manter qualquer aspecto de imparcialidade e neutralidade no meio de algo tão forte e radical é, no mínimo, equivocada.

Nesse caso, o *journalism of attachment* abraça a subjetividade. E, reconhecendo a intangível impessoalidade do repórter, rejeito o imparcial. “O que é rejeitado é o aspecto de neutralidade. A rejeição da neutralidade é baseada em uma moral¹⁰” (RUIGROK, 2008, p. 295). É importante ressaltar que, ao se reconhecer a

⁸ Tradução livre.

⁹ BELL, Martin. *The Truth is Our Currency*. *Harvard International Journal Press/Politics*. Vol. 3, No. 1, pp.102-109. 1998.

¹⁰ Tradução livre.

subjetividade intrínseca à atividade jornalística, não há a intenção de desconsiderar o factual ou a informação, mas sim de compreender que os fatos por si só não refletem a realidade e que o jornalista não é livre de influências mercadológicas, ideológicas e culturais (MELO, 2007). Portanto, objetividade e subjetividade não são conceitos necessariamente antagônicos.

Na realidade, os dois podem caminhar juntos. No subcapítulo anterior foi apresentado o conceito de objetividade e sua evolução no jornalismo como ideal a ser atingido. Porém, a objetividade também teve um papel que extrapolou a simples convicção nos fatos, servindo como a afirmação de um método que considera o real múltiplo e imprevisível, em que os próprios fatos devem ser postos em dúvida. Além de guia norteador do trabalho jornalístico, a objetividade serviu como procedimento (SCHUDSON, 2010).

A objetividade, como procedimento, é um método extremamente saudável e ético para a prática jornalística. Assim, não se trata mais de encontrar uma verdade última ou de acreditar que os fatos possuem uma objetividade em si, mas de buscar produzir uma narrativa equilibrada, o que implica: ouvir as várias versões do fato, por diferentes fontes; apresentar a controvérsia; verificar documentos e dados que comprovem ou não o fato; buscar não tomar partido, entre outras condutas técnicas-éticas (MELO, 2007, p. 5)

O destaque por Melo (2007) ao papel deste procedimento para um jornalismo mais equilibrado e balanceado possui semelhanças com as considerações de Ruigrok (2008) acerca da evolução da utilização do termo objetividade, antes focado na neutralidade e agora na precisão, equilíbrio e no justo (RUIGROK, 2008, p. 294).

Reconhecendo a falibilidade da objetividade, entendendo-a como procedimento jornalístico e considerando ela e a subjetividade como conceitos complementares, tanto no Novo Jornalismo como no *journalism of attachment*, a resposta para esse equilíbrio que deveria substituir a crença cega nos fatos seria uma intersubjetividade.

A única resposta possível é subjetiva: a objetividade depende de quem for o jornalista e de qual for a história a ser investigada e contada. A melhor objetividade no jornalismo é então uma justa, transparente e equilibrada apresentação da intersubjetividade. Quando o jornalismo busca a objetividade, está buscando estabelecer um campo intersubjetivo crítico entre os agentes que aí atuam: os sujeitos que produzem o fato, os que o observam e o

reportam, e os que tomam conhecimento do fato por meio do relato (BUCCI, 2006, p. 93-94)

Essa intersubjetividade reconhece que o jornalista carrega consigo um conjunto de valores, crenças e convicções, algo que o senso comum sobre a atividade do repórter, em tese, não permite. Cobra-se uma postura neutra, objetiva, fria. O texto jornalístico teoricamente não deveria ser contaminado pela emoção de seu autor pois isso distorceria a mensagem e atrapalharia a precisão do relato (BUCCI, 2006).

Contudo, o jornalismo também é uma atividade cidadã e, invariavelmente, se alimenta da indignação. Dessa forma, ele não pode ser indiferente e neutro. A emoção, nesse caso, é necessária, pois

Há [...] situações em que a tentativa de isentar-se inteiramente de toda emoção produz um alheamento no repórter que, aí sim, torna imprestável seu relato. Sem a indignação, o espanto, a surpresa não há reportagem. O que não significa que o estilo deva ser meloso ou, noutra extremo, vociferante. Ele não deve ser uma esponja embebida de adjetivos: a precisão jornalística requer realçar a emoção que move os acontecimentos. A objetividade possível não é portanto a correspondência fria de uma descrição a objetos inanimados ou inumanos, mas o impacto quente dos fatos produzidos por seres humanos no discurso ininterrupto do jornalismo. Banir a emoção da informação é banir a humanidade do jornalismo (BUCCI, 2006, p. 95)

A intersubjetividade que Bucci (2006) descreve propõe uma espécie de engajamento do repórter na história que este apura e escreve, um envolvimento emocional que encontra suporte em valores morais e éticos não só do jornalista mas da sociedade com um todo. Desta maneira, ela encontra eco na defesa de Martin Bell em relação ao *journalism of attachment*, que se propõe a considerar a emoção e uma moral com um elementos necessários na cobertura de guerra (MEURET, 2015; RUIGROK, 2008).

Mais além, a intersubjetividade alia o subjetivo com uma objetividade que se reconhece como um método de apuração jornalística que possibilita um relato mais equilibrado e completo (BUCCI, 2006; MELO, 2007). E desta forma, exige, do jornalista, ao invés de uma postura isenta, uma transparência em relação à sua produção jornalística e aos fatos apurados.

O pecado ético do jornalista não é trazer consigo convicções e talvez até preconceitos. [...] O pecado é não esclarecer para si e para os outros essas suas determinações íntimas [...]. O pecado ético do jornalista, em suma, é falsear a sua relação com os fatos, tomando parte na impostura da neutralidade (BUCCI, 2006, p. 97)

A crítica aqui feita é baseada na falácia de que o jornalismo objetivo, estabelecido como ideal e norma em diversas redações de jornais do mundo, é isento ou um “bom jornalismo”, e que um jornalismo mais engajado, considerado parcial, seria equivocadamente considerado por considerar fatores éticos, emocionais e sociais em seu desenvolvimento (MORAES, 2019). A desvalidação de um jornalismo mais ativista — mesmo que este apresente informações corretas, boa apuração, enquadramentos não viciados e temas sociais relevantes — passa pela necessidade de afirmação do jornalismo que compactua com a objetividade com o intuito de se preservar de críticas voltadas para qualidade de seu trabalho, sua legitimidade e sua parcialidade (CHRISTOFOLETTI, 2004 apud MORAES, 2019¹¹).

Um exemplo prático da impossibilidade da objetividade no jornalismo pode ser ilustrado, inclusive, no processo de apuração. Melo (2007) aponta para sua importância como um método que auxilia na produção de uma narrativa equilibrada, mas Moraes (2019) argumenta que nas práticas gerais de confecção de notícias e reportagens já há um certo vício que também poderia ser reconhecido como uma espécie de ativismo. “A escolha dos temas, das fontes e dos locais de observação, além do vital recorte das pautas, já demonstram uma tomada de posição que pode ou desestabilizar representações redutoras ou confirmá-las” (MORAES, 2019, p. 215-216).

¹¹ CHRISTOFOLETTI, Rogério. A medida do olhar: objetividade e autoria na reportagem. 2004. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

3 O CONFLITO

Neste capítulo, será abordado, brevemente, os principais momentos da Guerra Civil Espanhola, explicando os motivos históricos do conflito e passando pelas principais batalhas e seus desdobramentos. Essa contextualização histórica é necessária para um entendimento sem lacunas da análise.

3.1 O CAMINHO ATÉ A GUERRA

Em 1874, após um breve período como república, foi restaurada novamente na Espanha a monarquia. À época, a Igreja Católica era a principal instituição que dava apoio ao reino espanhol. Em oposição ao rei e ao clero estavam os anarquistas, os socialistas e grupos liberais que defendiam um ensino e estado laico. Logo, um outro grupo ligado às elites e aos seus interesses atuaria para a defesa dos valores cristãos: os militares (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996).

O Exército logo teria um papel importante na política espanhola. Tornou-se comum a corporação recorrer aos *pronunciamentos*, que significava a intervenção de grupos militares em questões políticas. Essas ações ocorriam principalmente pela ideia de que a monarquia e a Igreja não eram suficientes para a manutenção do poder e da ordem, uma vez que eram constantemente confrontados pelas organizações liberais e populares. O impacto dos *pronunciamentos* na Espanha foram gigantescos, pois “basta lembrar que entre 1814 e 1936 ocorreram 52 levantes militares no país. Em momentos de crise profunda, as Forças Armadas assumiam o papel principal na manutenção do arcaico sistema político espanhol” (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996, p. 9).

Entre o final do século XIX e o começo do século XX, o país, que após a independência de suas principais colônias havia perdido grande parte das remessas de ouro, prata e outras mercadorias, entrava numa crise econômica e social. A Catalunha e a cidade de Madri eram as regiões mais industrializadas até o momento, mas em comparação com a Alemanha, Inglaterra e França, estavam atrasadas. As regiões das Astúrias, do país Basco e partes da Andaluzia ganhavam importância econômica pelas atividades mineradoras e siderúrgicas que começaram

a se desenvolver por ali. Logo, a concentração de um alto número de trabalhadores nesses locais levou ao surgimento de organizações sindicais, que contestavam a ordem política e econômica do país. Em 1888 surgiu a Unión General de los Trabajadores (UGT), de tendência socialista, e em 1910 os anarquistas espanhóis formaram a Confederación Nacional del Trabajo (CNT) (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996).

O surgimento dessas organizações marcou um período em que as greves de trabalhadores aumentaram proporcionalmente em relação à importância das indústrias espanholas que se consolidavam. As tensões políticas cresciam também pelas manifestações contra as Cortes (o parlamento espanhol) e o rei Alfonso XIII. Na Catalunha e no país Basco surgiam demandas por maior autonomia política (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996). Entre 1918 e 1922, a Espanha passou por uma onda de violência entre patrões e operários que resultou na morte de mais de mil pessoas, incluindo sindicalistas, empresários, membros do clero e até o primeiro-ministro Eduardo Dato (BUADES, 2013). Portanto, mais um vez, o Exército tomou a dianteira para solucionar os conflitos sociais e políticos que se acirravam.

Em 1923, o general Miguel Primo de Rivera comandou um *pronunciamento* contra o governo. A resposta do rei Alfonso XIII à insurreição militar foi nomear Primo de Rivera como primeiro-ministro. As Cortes logo foram dissolvidas. Tendo todo o poder do Estado, Primo de Rivera estabeleceu-se como um ditador dentro da monarquia. Tomou uma série de medidas autoritárias, como a proibição do uso público de idiomas diferentes do castelhano, e banuiu os sindicatos, tratando greves e boicotes como crimes de traição. Durante um tempo, contou com considerável apoio da população, principalmente dos que desejavam novamente a instalação de um regime republicano e dos monarquistas que defendiam a escolha de um novo rei por acharem Alfonso XIII um político fraco e sem capacidade de comando. A Espanha estava retomando o caminho do crescimento econômico, e as tensões políticas e sociais do país se apaziguaram durante um período (BUADES, 2013; MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996).

Entretanto, a lua de mel entre a ditadura e os espanhóis logo acabaria. Em 1927, o crescimento estagnou. Greves e protestos contra o governo passaram a acontecer frequentemente. Os investimentos do Estado que ajudaram o país a

estabilizar sua economia geraram uma dívida absurda. Com o *crash* americano de 1929, ficou cada vez mais difícil para o governo equilibrar as contas públicas. Além disso, líderes camponeses e operários foram condenados à morte pela ditadura, que aumentou a repressão às manifestações contra o governo, fazendo com que grande parte da classe trabalhadora se posicionasse contra Primo de Rivera. O ambiente político do país chegava a um patamar insustentável. Em janeiro de 1930, o general renunciou ao cargo de primeiro-ministro e exilou-se em Paris, onde faleceria pouco tempo depois. Em 1931, após o fracasso de representantes da monarquia nas eleições municipais, Alfonso XIII abandonou o trono, também partindo para o exílio. Portanto, em abril daquele ano teve início a Segunda República Espanhola, com a restituição das Cortes e a posterior redação de uma nova Constituição espanhola (BUADES, 2013; MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996).

A Constituição de 1931 estabelecia, por exemplo, a separação do Estado e da Igreja Católica, a restrição dos privilégios das ordens religiosas (inclusive o de monopolizar o ensino), o divórcio e a relativa autonomia reclamada por várias regiões. A condição era de que a fidelidade à bandeira e à língua espanhola fosse obedecida nos atos públicos. Instituiu também o direito de voto livre e universal para todos os espanhóis maiores de 23 anos de idade (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996, p. 13)

O governo republicano, liderado por Manuel Azaña y Diaz, promulgou legislações que favoreciam o ensino primário público e os trabalhadores de atividades agrícolas e industriais, que agora tinham um salário mínimo estabelecido pelo dia de trabalho. Também promoveu uma reforma agrária, desapropriando algumas terras e dando elas aos camponeses, que deveriam torná-las produtivas. Essas medidas desagradaram as elites. A Igreja e os latifundiários reagiram, formando agremiações e partidos políticos de direita contrários ao governo. Surgiram assim a Confederación Española de Derechas Autónomas, a Ceda, e a Falange Española Tradicionalista, liderada por José Antonio Primo de Rivera, filho do antigo ditador e defensor da implementação de um sistema fascista na Espanha. Estes grupos argumentavam que as tradições do povo espanhol estavam em risco com a nova República, e que a mesma queria a abolição do cristianismo. Grupos de esquerda também eram críticos do governo, acusado de promoverem reformas

demoradas e com pouco resultados práticos (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996). No geral,

A Espanha do começo dos anos 1930 era um dos países mais atrasados da Europa ocidental, com taxas de analfabetismo escandalosas para os padrões do continente; uma estrutura econômica em que a agricultura ainda representava mais da metade da riqueza nacional; uma indústria pouco competitiva que subsistia graças ao protecionismo e um setor de serviços incipiente; uma indústria turística promissora, mas sem fôlego para amortecer as carências dos outros setores (BUADES, 2013, p. 25)

Durante os anos desta segunda república espanhola, as pressões de grupos de direita e esquerda também aumentaram. Em 1932, um grupo de militares insurgiu-se em Sevilha, demandando o retorno da monarquia. No outro lado, anarquistas comandavam greves e saques a igrejas. Em reação, o governo prendeu diversos líderes e os condenou à morte. A esse ponto, os dois lados já pediam a substituição do governo de Azaña. Em 1934, houve um movimento de protestos liderados por grupos de mineiros na região das Astúrias. Esse movimento espalhou-se pela Catalunha também. O governo ordenou que o general Francisco Franco, então chefe das forças armadas, comandasse a reação da República aos protestos. A violência da repressão foi forte. Cerca de mil pessoas foram mortas e 30 mil foram feitas prisioneiras. Enquanto a direita espanhola via as dimensões dos protestos aumentarem e se preocupava com as movimentações de grupos de esquerda, estes, visando a eleição que seria realizada em janeiro de 1936, resolveram abandonar a divisão histórica entre comunistas, socialistas e anarquistas para compor a Frente Popular, que enfrentaria, no campo político, a Comunhão Tradicionalista, uma coligação de partidos de direita (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996).

Com o chegar das eleições, a Frente Popular se saiu como a grande vitoriosa, garantindo a maioria no governo e o comando da República. A reação da direita espanhola foi uma articulação com líderes religiosos e militares para um levante contra a República. A Ceda, alinhada com a Falange, buscava o apoio de Hitler e Mussolini, argumentando que uma ditadura fascista era necessária para que a nação espanhola sobrevivesse e que havia o risco da Espanha se transformar numa área

de influência da União Soviética. Com o clima se acirrando, Azaña deslocou os principais generais anticomunistas para longe de Madri. Francisco Franco, por exemplo, foi transferido para o comando de destacamentos das ilhas Baleares. As coisas começaram a ficar mais radicais quando as sessões das Cortes passaram a ficar marcadas por insultos e ameaças de morte. Em 12 de junho de 1936, a Falange assassinou o tenente José del Castillo, um militante socialista. No dia seguinte, foi sequestrado e executado a tiros o deputado de direita Calvo Sotelo (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996). A polarização e a rivalidade entre esquerda e direita aumentava vertiginosamente.

3.2 A GUERRA E SEUS PRINCIPAIS MOMENTOS

A movimentação militar que resultaria na instalação de uma guerra civil na Espanha se originou no Marrocos. Em 17 de julho, aconteceram rebeliões militares nas cidades de Melilla, Ceuta e Tetuan, lideradas pelo general José Sanjurjo, que viria a falecer logo depois. Outro nome importante do Exército, Francisco Franco foi para o país africano e acabou assumindo o comando da insurreição que se iniciava. De lá, coordenou com outros chefes militares movimentações contra a República. O governo espanhol acreditava que a revolta militar não se passava de mais um *pronunciamento*, mas estavam enganados. Em poucos dias, apoiadores e simpatizantes de Franco se organizaram e tomaram o controle de regiões como Sevilha, Cádiz e Salamanca. Os republicanos permaneceram com grande parte do território espanhol mais industrializado e desenvolvido. O conflito se iniciaria em pouco tempo. Já no dia 20 de julho haveria um primeiro confronto em Madri. A direita nacionalista buscava apoio de membros do Exército Espanhol para dominar as áreas comandadas pelos republicanos. Já estes contavam com o apoio de organizações de esquerda, trabalhadores e defensores da República para a defesa do país e da democracia (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996).

Pela divisão marcante entre republicanos e fascistas, o confronto ganharia atenção internacional. A presença de soldados e materiais de guerras de países vizinhos já poderia ser observada nos primeiros meses da guerra. No dia 13 de agosto, por exemplo, San Sebastián, capital da província basca de Guipúzcoa, foi

bombardeada por aviões italianos (STEER, 2017). Em setembro de 1936, a Inglaterra criou um Comitê de Não-Intervenção. Os países participantes entraram em acordo de não se envolver na guerra. Porém, a realidade era bem diferente. Enquanto negavam o envio de tropas para a Espanha, Alemanha e Itália se faziam presente no país, fornecendo combatentes, armas e apoio marítimo e aéreo por meio de submarinos e aviões. No outro lado, a União Soviética apoiou o lado dos republicanos, fornecendo tanques e outros materiais de guerra (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996; THOMAS, 1964). Apesar de ser uma guerra civil, as dimensões do confronto extrapolavam as fronteiras espanholas.

A propaganda produzida no período do conflito é um reflexo do quão polarizada era a Espanha em guerra. Sob o comando da Falange, os nacionalistas organizaram logo nos primeiros dias do conflito a Delegación General de Propaganda. Nos cartazes produzidos, apareciam imagens que representavam, por exemplo, soldados nacionalistas como defensores dos valores cristãos. Seus opositores eram comumente retratados como representantes do comunismo, e essa imagem era explorada de uma maneira bem pejorativa. Os republicanos também apelaram para a propaganda logo cedo. Em julho de 1936, a República criou o Ministério da Propaganda, que passou a produzir cartazes que alertavam para o avanço do nazifascismo na Europa, além de outros materiais em defesa da educação e dos direitos sociais do povo espanhol (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996).

No geral, o conflito se desenvolvia por todo o território espanhol, dividido logo no início da guerra entre os dois lados. Mas a primeira grande batalha da Guerra Civil Espanhola foi pela conquista de Madri, então sede do governo da República, capital do país e localizada no centro do território espanhol. A cidade já havia sido bombardeada algumas vezes por aviões alemães e italianos em outubro, e o mês de novembro reservava uma ofensiva final das forças nacionalistas para a conquista da cidade. Em declaração pública, o generalíssimo Francisco Franco disse que preferia destruir a capital do que deixá-la nas mãos dos comunistas. Ele se referia não só aos comunistas espanhóis mas também aos reforços enviados pelos soviéticos para ajudar na proteção da capital. Mas Franco não esperava pela capacidade de

mobilização do lado republicano para defender a capital espanhola (MEIHY e BERTOLLI FILHO, 1996; THOMAS, 1964).

3.2.1 A Batalha de Madri

No dia 7 de novembro, as forças nacionalistas, constituídas principalmente de soldados marroquinos e membros da Legião Espanhola, estavam prontas para tomar a cidade. Eram cerca de 20 mil homens. Para a defesa da capital, os republicanos contavam com os operários voluntários, organizações comunistas e as forças do Exército do Centro, coordenadas pelo general José Miaja e pelo tenente-coronel Vicente Rojo. O ataque começou logo pela manhã. Ouvia-se, na Rádio de Madri, ordens e comandos para a construção de barricadas em defesa da cidade. A população disposta a defender a cidade era armada, com o intuito de criar um número cada vez maior de milícias contra os nacionalistas, e quem estava do lado republicano lutava com uma fúria marcante (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996; THOMAS, 1964).

Massas de operários partiram para as linhas de frente, muitos sem armas, prontos a tomarem os rifles dos que caíssem. Ouvia-se sem cessar a voz de La Pasionaria¹² nos alto-falantes das ruas, concitando as mulheres a se prepararem para atirar óleo fervente sobre aqueles (*sic*) que viessem atacar suas casas (THOMAS, 1964, p. 11)

No dia 8 de novembro, chegaram as primeiras Brigadas Internacionais para defender a cidade. As Brigadas eram formadas por grupos de voluntários estrangeiros dispostas a ajudar na causa da República Espanhola. Esse primeiro grupo que foi até a capital espanhola para ajudar em sua defesa era composto por três batalhões. O primeiro, que tinha o nome de Edgar André, dirigente comunista alemão executado por Adolf Hitler, era composto por alemães e ingleses. O segundo batalhão, denominado Comuna de Paris, tinha principalmente voluntários franceses e belgas, com uma seção britânica de metralhadoras. O terceiro era conhecido como Dubrowsky. Quem comandava o batalhão era coronel polonês Tedeusz Oppman, e era composto majoritariamente por mineiros poloneses. As Brigadas Internacionais

¹² Dolores Ibárruri Gómez, conhecida como “La Pasionaria”, foi uma militante e líder comunista espanhola.

são famosas pela assistência em defesa da República, apesar de sua fama não corresponder, de fato, à sua verdadeira contribuição na defesa de Madri. No dia 8, a XI Brigada Internacional que chegou ao socorro da capital espanhola tinha um pouco menos de 2 mil homens. Em 12 de novembro, com a chegada da XII Brigada, mais mil e seiscentos homens compareceram. Esse montante, contudo, não era o suficiente para inverter o sentido da luta (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996; THOMAS, 1964).

[...] os milicianos e os operários tinham detido Varela antes da chegada da brigada. A vitória era do populacho de Madri. A bravura e a experiência das brigadas foram, porém, cruciais em diversas batalhas subseqüentes (sic). O exemplo das Brigadas Internacionais animou os milicianos a continuarem a resistir, enquanto deram aos madrilenhos a sensação de não estarem sós [...] (THOMAS, 1964, p. 14)

Uma semana após o início da batalha, um grupo de anarquistas chegou a Madri para ajudar na defesa da cidade. Com a resistência se prolongando, Franco ordenou que os ataques aéreos, feitos pela Legião Cóndor (esquadrilha de aviões alemães a mando de Hitler e responsável pelo bombardeio de diversas cidades espanholas), aumentassem. Mas os nacionalistas não conseguiam tomar a cidade. Madri aprenderia a viver sitiada, sofrendo investidas das forças de Franco continuamente em alguns pontos, mas a maioria sem sucesso. A capital só iria cair nas mãos dos franquistas em 1939, no final da guerra (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996; THOMAS, 1964).

3.2.2 A batalha de Málaga

Ainda preocupada com a manutenção do controle de Madri, a República pouco fez para ajudar na proteção de Málaga, na região da Andaluzia. As forças republicanas que defendiam a cidade eram coordenadas pelo Coronel Villalba, recentemente transferido da Catalunha, e contavam com andaluzos, além de membros de organizações comunistas e anarquistas. A união entre esses grupos, porém, não era fácil. As discórdias ideológicas contribuíram para a desconfiança

entre eles. E a ofensiva preparada pelos fascistas em fevereiro viria a se tornar fatal (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996; THOMAS, 1964).

O ataque se iniciou em 17 de janeiro de 1937, com os nacionalistas conseguindo conquistar pontos estratégicos que cercavam a cidade em poucos dias. O número de refugiados dessas ofensivas que eram acolhidos em Málaga aumentava cada vez mais, mas as forças republicanas não enviaram o apoio necessário para a proteção da região. Já os franquistas tinham em seu comando os Camisas Pretas italianos, enviados ditador fascista italiano Benito Mussolini (THOMAS, 1964).

A cidade acabaria sendo tomada num período de 4 dias. No dia 3 de fevereiro, foi lançado um novo ataque, liderado pelo Duque de Sevilla. No dia seguinte, foi a vez dos Camisas Pretas italianos atacarem a cidade.

Imediatamente criou-se o pânico em Málaga, em parte diante da falta de familiaridade com os tanques italianos, em parte pelo medo (sic) de ficarem cortados. Villalba foi incapaz de comunicar um espírito de luta aos homens de Málaga, e [...] Nessas circunstâncias, depois do rompimento inicial da frente pelo Duque de Sevilla, a 4 de fevereiro, e pelos italianos, em 5 de fevereiro, o avanço nacionalista prosseguiu com regularidade constante (THOMAS, 1964, p. 70)

No dia 6, com o avanço das linhas nacionalistas e os seguidos bombardeios sobre a cidade, Villalba ordenou a evacuação da cidade. Durante esse dia e o seguinte, o comando republicano, os dirigentes políticos e sindicais e quaisquer outros que eram opostos à ocupação nacionalista na região tentavam fugir. Estima-se que pelo menos 50 mil pessoas fugiram da cidade nesse meio tempo. No dia 8, os comandados de Duque de Sevilla entraram e ocuparam completamente a cidade. O que aconteceu a seguir foi um massacre. Os simpatizantes da República que não conseguiram escapar da cidade foram fuzilados. E os tanques e a aviação nacionalistas alcançaram os refugiados nas estradas ao redor da cidade. Em um período de uma semana após a presença dos franquistas na cidade, aproximadamente 4 mil pessoas foram mortas (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996; THOMAS, 1964).

3.2.3 Ofensiva no norte e destruição de Guernica

Com dificuldades de conquistar Madri, Francisco Franco, já reconhecido como Caudilho¹³ por seus apoiadores, ordenou, no início de março, que Emilio Mola, Comandante do Exército do Norte, preparasse uma ofensiva na região do Golfo de Biscaia, onde o povo basco lutava e resistia contra os nacionalistas espanhóis (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996; STEER, 2017; THOMAS, 1964).

A decisão de atacar o Norte foi, [...] principalmente, sugerida pela suspeita de que este (sic) pudesse ser conquistado mais depressa, e assim dar ocasião a uma vitória grandemente necessária à restauração do prestígio nacionalista. A atração do minério de ferro das províncias bascas, assim como as demais indústrias de Bilbao, constituíam um motivo adicional, sobretudo para os alemães da HISMA. Muitos julgavam que Bilbao poderia ser tomada em menos de três semanas de operações. Porque Mola conhecia o número e a localização das fôrças (sic) bascas de defesa, através da traição do Capitão Goicoechea, oficial basco, que havia participado da construção das defesas de Bilbao, o chamado "anel de ferro", e que se bandeara para os nacionalistas em seu próprio automóvel no princípio de março (THOMAS, 1964, p. 105).

A campanha já havia iniciado, mas a ofensiva de Mola se iniciou em 31 de março. Nesse dia, a Legião Condor bombardeou as linhas de frente que defendiam a região e a cidade de Durango, localizada há cerca de 35 quilômetros de Bilbao. As tropas fascistas ganhariam, após novos bombardeios, terrenos importantes nas montanhas de Maroto, Albertia e Jacinto, que cercavam a estrada entre Bilbao e Vitoria, à nordeste de Villareal. Uma nova batalha foi travada nos subúrbios de Ochadiano, ao norte de Villareal. Enquanto o confronto se desenrolava até o dia 4 de abril, os bombardeios ocorriam diariamente. Os bascos não tiveram muita chance, recuando cada vez mais em direção a Bilbao. A chance de trégua temporária que tiveram foi graças às chuvas que castigaram a região após o dia 4 (STEER, 2017; THOMAS, 1964).

Com as condições climáticas adversas, Mola decidiu fazer uma pausa na ofensiva para reorganizar suas tropas para a próxima fase da campanha. Enquanto isso, os bascos fortificavam novas posições e fortaleciam o seu "anel de ferro". A

¹³ Comandante supremo do povo espanhol. A nível de comparação, o título tinha a mesma dimensão do *Führer* na Alemanha (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996).

esperança era de que os republicanos enviassem um reforço aéreo para nivelar a luta contra os aviões alemães que bombardeavam a região. Ou que mais tropas republicanas fossem à Biscaia para ajudar na defesa do norte. Mas a ajuda não viria. Além das dificuldades causadas pelo bloqueio marítimo dos nacionalistas, o que dificultava o abastecimento dos bascos, a distância entre o território basco e as regiões em que os republicanos dominavam tornava arriscada demais o envio de aviões, pois teriam que cruzar território nacionalista. E o Governo Republicano também não via como uma boa estratégia atuar em socorro imediato do norte porque a frente do centro do país era considerada mais importante. A ideia era de que, mesmo perdendo as províncias bascas, a guerra ainda poderia ser ganha do sul. Soma-se a isso as desavenças entre os adversários das forças de Franco. Os comunistas e os socialistas da República não eram muito favoráveis ao povo basco, que sempre buscou sua autonomia em relação à Espanha. Em Valencia, republicanos discutiam o possível apoio, mas a percepção geral era de que se o bascos realmente quisessem ser independentes, deveriam se defender sozinhos (STEER, 2017; THOMAS, 1964).

Em meio à picuinhas políticas e divergências ideológicas que enfraqueciam ainda mais a defesa dos territórios republicanos, os bascos estavam por conta própria. Em 20 de abril, os nacionalistas iniciaram um novo avanço.

Quando cessaram os bombardeios da artilharia e aéreos, e os bascos da primeira linha de trincheiras russas deixaram o abrigo, ouviram metralhadoras à retaguarda. Mais uma vez (*sic*), como em Ochadiano, ouviram-se os gritos de "Estamos cortados". Muitos dos defensores se retiraram, enquanto era possível. Diante do povoado de Elgeta, no entanto, em meio às colinas em forma de cabeça de leão de Inchorra, tinham sido cavadas trincheiras profundas. Dirigidos pelo Major Beldarrán, os bascos conseguiram deter o ataque. Mais dois batalhões [da] CNT retiraram-se da frente, aparentemente com a intenção de fazer chantagem com os bascos, visando obterem participação no Governo (*sic*). Essa defecção completou o colapso. Todos os comandantes bascos só desejavam agora retirar-se para as trincheiras preparadas no "anel de ferro". O bombardeio constante bloqueava as estradas e impedia a movimentação. O Estado-Maior em Bilbao demonstrava uma fraqueza que provocou acusações de traição. A 24 de abril tôdas (*sic*) as elevações dêsse (*sic*) setor da frente escolhido pela ofensiva caiu em poder do General nacionalista García Valiño. Beldarrán teve de abandonar a sua bem defendida posição em Elgeta. Persistia uma atmosfera de caos. A artilharia não sabia para onde atirar. As trincheiras foram silenciosamente evacuadas. A derrota geral dos bascos parecia assim iminente seis

dias depois de desfechada a nova ofensiva de Mola (THOMAS, 1964, p. 125)

Neste sexto dia, 26 de abril, um dos eventos mais marcantes da guerra civil ocorreu. Era uma segunda-feira, dia de feira em Guernica, um vilarejo com população aproximada de 7 mil habitantes, localizado há 10 quilômetros da costa e a 30 quilômetros de Bilbao. Às quatro e meia da tarde, um único badalar dos sinos das igrejas marcou o início de uma incursão aérea. Dez minutos depois, grupos de Heinkels 11 e Junkers 52 — bombardeiros e aeronaves alemãs — começaram a bombardear e a metralhar a cidade. Bombas incendiárias e outros explosivos foram lançados em Guernica até sete e quarenta e cinco da noite. Mais de 1600 pessoas foram mortas e quase 900 ficaram feridas. A cidade cairia nas mãos nacionalistas em 28 de abril juntamente com Durango, bombardeada cerca de um mês antes (STEER, 2017; THOMAS, 1964).

Diversas pessoas testemunharam o bombardeio de Guernica. Grande parte da obra que analisamos nesta monografia aborda detalhadamente o bombardeio. Mas George Steer, que cobria a guerra para o jornal britânico *The Times*, não foi o único jornalista que relatou o ocorrido. Jornalistas do *Daily Telegraph* e do *Daily Express*, para citar apenas alguns veículos de comunicação, também testemunharam a destruição do vilarejo pelos alemães. “Vinte padres bascos, nove dos quais foram testemunhas oculares do bombardeio, e entre os quais estava o vigário geral da Diocese, escreveram ao Papa, dando a versão do que havia acontecido” (THOMAS, 1964, p. 127). Ainda assim, os nacionalistas afirmavam que na realidade quem havia destruído o vilarejo foram os bascos. Essa tática de acusar os bascos pelas destruições causadas pelos fascistas passou a ser usada pelas forças de Franco desde quando os anarquistas bascos queimaram a cidade de Irún, no início de setembro de 1936, conscientes de que a perderiam para os nacionalistas (STEER, 2017). Mas a história não se sustentaria por muito tempo. Apesar das evidências, como restos de bombas alemãs no vilarejo, somente em outubro de 1937 os nacionalistas, por meio de uma declaração de um oficial ao jornal britânico *Sunday Times*, reconheceriam que bombardearam Guernica (THOMAS, 1964).

De fato, Guernica poderia ter sido considerada como um objetivo militar, uma vez que era um centro de comunicações próximo das linhas de frente, mas não é difícil concluir que os alemães bombardearam a cidade numa tentativa de destruí-la, observar com olho (*sic*) clínico os efeitos desse (*sic*) ataque devastador, e assim executarem as instruções de Mola em 31 de março (THOMAS, 1964, p. 128)

Em agosto de 1937, antes de se completarem três meses do bombardeio de Guernica, os bascos se renderam por completo (STEER, 2017). Bilbao, protegida pelo “anel de ferro”, já havia caído em 19 de junho (THOMAS, 1964).

3.3 A TOMADA DE BARCELONA E MADRI E A ASCENSÃO DE FRANCO AO PODER

No início de 1938, após retomar a cidade de Teruel — localizada entre Madri e Barcelona — dos republicanos, Francisco Franco poderia ter feitos novas investidas para a conquista da capital e assim terminar logo com o conflito. Preferiu fazer o oposto, tentando conquistar um por um os territórios republicanos (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996).

Os republicanos, que conquistaram mas não mantiveram Teruel, sofriam com divergências políticas internas, que acabavam por se espelhar na desorganização e nas derrotas em diversas batalhas. Em julho de 1938, lançaram-se ao ataque contra as tropas nacionalistas que avançavam às margens do rio Ebro em direção à Catalunha, no nordeste da Espanha. Conseguiram avançar e conquistar território, mas por falta de alimentos e munição, cavaram trincheiras para marcar posição enquanto esperavam por apoio. Tornaram-se presas fáceis para as sequências bombardeios e ataques de artilharia dos franquistas. Resistiram até novembro, quando a pressão das tropas nacionalistas era gigantesca e mais de 70 mil soldados republicanos já haviam sido mortos (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996; THOMAS, 1964).

Com a derrota em Ebro, o governo republicano espanhol, provisoriamente sediado em Barcelona, via-se cercado. As baixas em Ebro enfraqueceram a resistência republicana, e as desavenças internas aumentaram. Barcelona foi duramente bombardeada durante todo o ano de 1938, mas em 23 de dezembro,

Franco preparou uma ofensiva final na Catalunha que seria relativamente curta. Quem defendia a região eram as milícias anarquistas e o que restara do exército republicano, o que não significava muito em relação às forças coordenadas por Franco. Em 4 de janeiro, a República já havia perdido um centro de comunicações em Segre e a cidade de Borjas Blancas. A frente de defesa da Catalunha havia cedido em todas as partes. Em 14 de janeiro, Tarragona, ao sul de Barcelona, estava sob posse dos franquistas. A ofensiva se aproximava cada vez mais do governo republicano, que em 24 de janeiro abandonou a capital catalã para se refugiar em Gerona, mais perto da fronteira com a França (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996; THOMAS, 1964).

Na Capital catalã não havia espírito de resistência. O Partido Comunista podia gritar à vontade[...]: os catalães, separatistas e anarquistas, inclusive, não tinham intenção alguma de lutar. Os estrangeiros remanescentes em solo espanhol reuniram-se à maré de refugiados que fugia para o Norte, ou tentavam encontrar navios no pôrto (*sic*) submetido a pesados bombardeios. As ruas da grande cidade estavam imundas, após a fuga dos garis municipais. O populacho começava a pilhar as casas comerciais (THOMAS, 1964, p. 301-302)

Em 26 de janeiro, os tanques nacionalistas entraram em Barcelona. A cidade estava, definitivamente, nas mãos do franquistas (THOMAS, 1964). Na primeira semana de ocupação, mais de dez mil pessoas foram fuziladas (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996).

Madri ainda resistia, mas era a única cidade importante que não estava sob domínio nacionalista. Em sua defesa estavam milícias comunistas e o que restava do exército republicano. Só que havia grandes desavenças entre os republicanos e os comunistas. O comandante do exército republicano na capital, general Segismundo Casado, que era anticomunista, já negociava, no início de março, a rendição de Madri com as forças de Franco. Em 7 de março, os comunistas, que pregavam, se saíssem vitoriosos do confronto, uma revolução política e social na Espanha, tentaram ocupar à força pontos de entrada de Madri ocupados por republicanos. Desencadeou-se uma guerra civil dentro da Guerra Civil Espanhola, entre os comunistas e as forças de Casado. Esse conflito foi encerrado no dia 12,

com o fuzilamento de generais comunistas em retribuição à execução de oficiais de Casado (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996; THOMAS, 1964).

Encerrada a disputa interna, no dia 13 Casado voltou a negociar com representantes de Franco sua rendição. O tempo das negociações foi o suficiente para a fuga de republicanos, soldados e adversários em geral dos nacionalistas. Em 27 de março, autorizou a retirada de todos os exércitos republicanos de Madri. No dia seguinte, as tropas franquistas entraram e ocuparam, sem resistência, a cidade. Em 1º de abril, a Guerra Civil Espanhola chegava ao fim. Há divergências no número total de mortos do conflito. Mas é certo que algo em torno de 600 mil pessoas morreram, com as causas variando entre doenças, subnutrição, execuções ou mortes em combate. E Francisco Franco, o grande vencedor da guerra, manteria-se como ditador da Espanha até sua morte, em 1975 (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996; THOMAS, 1964).

4 ANÁLISE

Neste capítulo, será feita uma análise de conteúdo de partes do livro *A Árvore de Gernika* para que se tenha uma dimensão e uma compreensão da presença de características do jornalismo literário e do *journalism of attachment* na obra. Foram selecionados capítulos que acreditamos possuírem um conteúdo jornalístico conectado com os dois conceitos utilizados para a construção do referencial teórico deste trabalho e que possuem relevância no jornalismo de guerra.

A metodologia de pesquisa selecionada para a análise desta monografia é a análise de conteúdo, que

representa um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visam a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens (BARDIN, 1979 apud GERHARDT et al., 2009¹⁴)

O *corpus* de análise são capítulos 3, 10, 11 e 21. Analisaremos os três primeiros capítulos supracitados para compreender a relação entre a produção jornalística de Steer com o *journalism of attachment*. Posteriormente, utilizaremos os capítulos 10 e 21 para entender a correspondência de guerra de Steer e sua representação da Guerra Civil Espanhola por meio do jornalismo literário.

Para a complementação da análise destes capítulos, utilizarei também a introdução e o posfácio do livro, escrito por Nicholas Rankin, biógrafo do jornalista. A justaposição entre objetividade e subjetividade no jornalismo praticado por Steer também será explorada.

4.1 AO POVO BASCO

A Árvore de Gernika é um livro sobre a luta e a queda deste povo. É uma dedicatória ao espírito basco que sucumbiu em meio a uma guerra que George Steer, autor da obra, afirma não ser deles. Na introdução da obra, não economiza palavras ao agraciar os bascos com adjetivos pomposos e descrições heróicas. “No

¹⁴ BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Ed. 70, 1979.

mundo moderno, o basco só representa a liberdade entre as classes, o companheirismo e a sinceridade, o humanitarismo em tempos de guerra, a relutância em defender qualquer doutrina extremista” (STEER, 2017, p. 12).

O basco, portanto, representa o oposto da guerra, pois seria uma extensão do humano. E nada tem a ver o conflito, pois seu interesse é sua independência e sua liberdade das amarras espanholas. O autor reforça essa ideia diversas vezes ao longo do livro, mas uma passagem na introdução sintetiza bem o resultado da observação e apuração do repórter no período em que passou com os bascos durante a guerra.

Tal como o homem comum, o basco lutou contra ambos os extremos. Não lhe convinha ser arregimentado de um modo ou de outro. Estava perfeitamente feliz, e queria apenas viver em paz. As forças modernas de sistematização, as saudações e os slogans despropositados, e a disciplina partidária o assediaram por todos os lados. De tudo isso tentou se libertar (STEER, 2017, p. 13)

A afeição nítida presente no texto se desenrola para uma diferenciação do basco com o espanhol. O primeiro é diligente, enquanto o segundo seria indolente, de acordo com o próprio Steer. E segue para uma exaltação do valor basco pelo simples fato de ser quem é, por ter determinados valores e costumes. Sua queda se deu “à guisa de um fascismo militar externo, e de uma pressão proletária interna”. O basco seria uma vítima. Mas lutou, e lutou “a favor da tolerância e da livre discussão, da cortesia e da igualdade” para, depois, ser o centro de uma tragédia humana: a “destruição do homem por um sistema, do espírito pela rotina.

É possível afirmar que a afeição Steer para com os bascos, se deu, pelo menos inicialmente, pela liberdade de trânsito garantida ao jornalista inglês. O autor é muito transparente em relação a isso.

A imensa maioria das coisas descritas neste livro foi testemunhada por mim. [...] Durante a grande ofensiva final, de abril a junho, as autoridades bascas em Bilbao permitiram-me total liberdade de movimento e manobra em seu território. Podia visitar sem impedimento ou escolta qualquer trecho da frente de combate, em qualquer ocasião. A outros jornalistas foram concedidas as mesmas facilidades: o fato de que não as tenham aproveitado tanto quanto eu não se deve a uma falha deles, pois tinham mais a perder do que eu na linha de fogo (STEER, 2017, p. 14-15)

4.1.1 Capítulo 3 - A democracia basca

No dia 1º de outubro de 1936, no meio da Guerra Civil Espanhola, as Cortes da República, que haviam sido transferidas para Valência, aprovaram o Estatuto da Autonomia Basca. O líder do Partido Nacionalista Basco, José António Aguirre y Lecube fez um discurso agradecendo o Parlamento Espanhol por satisfazer, mesmo que parcialmente, o anseio de liberdade do povo basco. O conteúdo do discurso é extremamente católico, mas ainda assim Aguirre clama por justiça.

Por que Cristo veio a este mundo? Cristo veio à terra para ajudar o poderoso ou para levantar o humilde? Nós, entre o poderoso e o humilde, estamos do lado do humilde, do povo, porque dele viemos; nascemos para o povo e por ele estamos lutando (STEER, 2017, p. 99)

E, ao final, ele atesta:

Nós, que condenamos, pois não temos mais remédio do que condenar, ainda que muitas vezes compreendamos os excessos próprios das multidões, tudo aquilo que implicou a queima de nossas igrejas, a morte de pessoas pelo único motivo de terem certo caráter e determinado significado, nós dizemos aos senhores com toda a lealdade; até que o fascismo seja derrotado, o patriotismo basco, o nacionalismo basco, permanecerá firme em seu posto (STEER, 2017, p. 99)

O Estatuto da Autonomia Basca viraria lei em 5 de outubro. Dois dias depois, membros e líderes do partido basco se encontraram em Gernika para definir a formação do governo da região durante a Guerra Civil. A escolha do vilarejo para o local da reunião não foi por acaso, pois a cidade “é o centro histórico das liberdades bascas. Os representantes dos vilarejos e das paróquias da Biscaia vêm se reunindo ali desde tempos imemoriais, à sombra de um carvalho replantado toda vez que morre” (STEER, 2017, p. 101).

Na sequência, o autor descreve, brevemente, as características que compunham a antiga sociedade basca. Politicamente e socialmente, os bascos eram considerados iguais entre si. E desde o início da história documentada do povo, há evidências que mostram que eles se viam como iguais, e não inferiores entre eles

mesmo (Ibid). Isso se refletiu no sistema de votação basco, que já na Idade Média era similar ao sistema de votos de uma democracia moderna, com voto direto para seus representantes.

Não havia distinção de classes, tampouco sugestão de câmara superior. Por longa tradição, assim como por estipulação da lei local, todos os homens da Biscaia possuíam *nobleza* [...]. A *nobleza* não era um título vazio. Por mais difícil que seja conceber isso na Idade Média, todos os bascos não eram só homens livres, como estavam desobrigados da vassalagem a qualquer outro homem. E, além de não haver servos entre eles, quase todos os bascos, em uma região de agricultores, eram donos de sua terra e de sua casa (STEER, 2017, p. 101-102)

O encontro político foi, obviamente, sigiloso, pois como o número de autoridades bascas no local era enorme, um bombardeio alemão em Gernika naquele 7 de outubro provavelmente mataria a todos e dizimaria a moral e a força política dos bascos durante a guerra. Por decisão quase unânime, José António de Aguirre foi eleito presidente do País Basco. Neste mesmo dia foram selecionados seus ministros (STEER, 2017).

Há, no texto, evidências de que Steer era simpático aos bascos, à sua história e aos seus valores. Após narrar os acontecimentos acima, o autor mostra apreço as bascos que “não só estavam livres, também estavam no comando” (STEER, 2017, p. 104).

Estas páginas são o registro de como a bem disciplinada democracia basca suportou a tensão da guerra moderna - talvez o conflito moderno mais terrível já visto na Europa. Elas são a crônica dos seus êxitos e fracassos. Que lhes faltou sutileza e que não compreendiam o controle da população civil por meio da propaganda não resta dúvida; eram sinceros demais. Embora contassem com o melhor material humano, eram no fundo antimilitaristas e não se interessaram o suficiente pela direção da guerra para entender por que, e com que rapidez, era preciso que se livrassem de um Estado-Maior espanhol ineficiente e covarde. E foi assim que perderam a liberdade (STEER, 2017, p. 104-105)

Neste último trecho é importante dar destaque, de início, às duas primeiras frases. O autor está fazendo um registro, uma crônica, dos êxitos e fracassos da democracia basca. Em meio a um conflito terrível, os bascos seriam o baluarte de um espírito de irmandade e respeito. Eles não se prendem ou se importam com os

discursos, com a propaganda, ou com o jogo de versões que marcou o confronto no conflito ideológico entre a direita e a esquerda espanhola. O povo basco é católico, assim como a direita que se rebelava contra a República e ordenava a instauração de um governo fascista, mas também é humildade e democrático, valores compartilhados por grande parte dos defensores da República. Portanto, não era completamente representado por qualquer dos lados, e o seu isolamento, mesmo que real, é reforçado também pela construção de uma singularidade por parte do autor.

Os bascos eram “sinceros demais” e contavam com “o melhor material humano”. Mais além, não utilizavam da propaganda de guerra (Ibid). Aqui há mais um ponto a ser observado. Durante os três anos do conflito, foi produzida uma farta quantia de cartazes, panfletos, textos, pinturas ou outros materiais midiáticos para propaganda de guerra. Os nacionalistas espanhóis criaram a Delegación General de Propaganda, comandada pela Falange. Em seus materiais, quem apoiava a causa republicana era comumente taxado como representantes da maçonaria, dos judeus ou do comunismo soviético (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996). No geral, disseminavam desinformação.

A República respondeu com a criação do Ministério da Propaganda. Grande parte dos esforços desta unidade era gasto para responder aos ataques da propaganda franquista e denunciar o fascismo que se alastrava pela Europa. A divulgação de ideias e a defesa da causa era fragmentada e diversa (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1996). E seria ingênuo pensar que apenas os franquistas disseminavam mentiras em relação a seus adversários, apesar de não haver evidências concretas em relação a isso em Thomas (1964) e Meihy e Bertolli Filho (1996).

Portanto, não havia unidade. Os defensores da República poderiam ser divididos, no mínimo, entre republicanos, democratas, socialistas, comunistas e anarquistas. Havia ainda os separatistas bascos e catalães. Assim, é fácil deduzir que os bascos não se sentiam representados pela propaganda de guerra. Mais além, não tinham interesse nela, como o texto de Steer (2017, p. 104-105) aponta. A sinceridade basca é a evidência de que estes eram verdadeiros, pelo menos para o jornalista. Uma das premissas básicas do jornalismo, independente do gênero ou

assunto, é a descoberta e a publicação da verdade. Em meio à disseminação de propaganda duvidosa, o repórter passou a confiar no lado que via como verdadeiro. Há um claro posicionamento, um reconhecimento da ética dos homens sinceros. A verdade e a sinceridade basca são apreciadas pelo autor.

Não é de se duvidar que os bascos de fato eram verdadeiros e democráticos, como grande parte de suas ações demonstram, mas também fica nítido o apreço e o respeito de sua organização social e atitudes por parte de Steer. O autor *admirava* os bascos por eles refletirem os valores que ele apreciava. A democracia basca era uma extensão da democracia ideal do próprio Steer.

4.1.2 Capítulo 10 - Estadia em Bilbao

Neste segundo capítulo a ser analisado, Steer conta sobre sua estadia de seis dias em Bilbao em janeiro de 1937. A narração do episódio é toda em primeira pessoa, portanto há uma ausência de impessoalidade, reforçada pelas adjetificações massivas em seu relato. Após um breve resumo do trecho analisado, nos aprofundaremos na análise do relato do autor sobre sua estadia na capital basca.

A chegada à capital basca foi penosa, pelo mar. O barco que levava Steer teve que fazer uma volta na França e viajou com as luzes desligadas para não ser pego pelo bloqueio marítimo de Franco. Em Bilbao, a primeira parada do jornalista foi na nova sede da presidência, no Hotel Carlton. Lá, foi apresentado ao jovem chefe do Departamento de Assuntos Estrangeiros, Bruno Mendiguren. O político logo seria o responsável pelo gabinete de imprensa e era muito solícito aos pedidos daqueles que cobriam a guerra (STEER, 2017).

Mendiguren concebia corretamente a função de um gabinete de imprensa: permitia que os jornalistas estrangeiros vissem e ouvissem o que quisessem, e não lhes dizia o que deveriam colocar em seus informes diários, e muito menos pensava poder expulsá-los quando acrescentavam algo por conta própria (STEER, 2017, p. 164)

Em seu segundo dia na capital basca, Steer se encontra com Mendiguren para negociar seu acesso a instalações do governo e seu trânsito em Bilbao. O jornalista demonstra um apreço imediato para com o político, descrevendo-o como

um homem encantador, sincero e democrático. Aproveitando o espírito acolhedor de Mendiguren, solicita acesso não só a escolas, hospitais, quartéis, prisões e a linha de frente do combate, mas também aos aeródromos, aviões, equipamentos e indústrias bascas. Para sua surpresa, Mendiguren aceita, argumentando que a confiança a Steer se deve ao fato dos bascos serem simpáticos aos ingleses (STEER, 2017).

Após a negociação, Mendiguren apresenta José António Aguirre, o presidente basco, ao jornalista. Em seguida Steer faz uma descrição detalhada de seis páginas sobre o físico dele, suas maneiras, ideais e discursos desde a instauração da Segunda República Espanhola até a eclosão da guerra civil. É deste encontro que Steer compreende os complexos desdobramentos do plano de apoiar a República em troca de autonomia. Seria por meio da República que eles poderiam atingir seus objetivos (STEER, 2017). O conteúdo do capítulo será melhor compreendido agora que nos concentraremos na análise do texto.

Assim como o trecho anterior, o capítulo analisado reforça a ideia do povo basco e seus interesses como singulares em meio a um grande conflito que, em tese, não era de seu interesse. Na introdução do livro, por exemplo, o autor pergunta retoricamente o que os bascos têm a ver com os interesses de nações tão preocupadas em distinções raciais e como um povo que pregava pela liberdade e respeito foi pego de surpresa no olho do furacão de um conflito que não era seu. Ele responde à pergunta elencando uma série de qualidades que, em tom de deboche, afirma não serem valiosas no mundo que se formava durante o período da Guerra Civil Espanhola.

O que tem o basco a ver com o progresso? Nada que valha a pena, evidentemente. No mundo moderno, o basco so representa a liberdade entre as classes, o companheirismo e a sinceridade, o humanitarismo em tempos de guerra, a relutância em defender qualquer doutrina extremista e violenta; a confiança em si, a tenacidade, a retidão e a simplicidade, o enfado com a autopublicidade e a sinceridade absoluta diante do inimigo. [...] Nenhuma dessas qualidades vale alguma coisa no século XX, e a pior delas é a liberdade. Por esta o basco lutou - e foi derrotado (STEER, 2017, p. 12)

Essa ideia da liberdade basca é aprofundada no capítulo 10 por meio da análise de Aguirre por parte do autor. Os bascos apoiaram a República, governada por uma frente de esquerda, em troca de sua autonomia. Ainda assim, vale lembrar o que Steer afirmou anteriormente, que o basco, “assim como o homem comum, lutou contra ambos os extremos” (STEER, 2017, p. 13). O seu apoio à esquerda se dá, portanto, graças a um jogo de interesses, e Steer vê um mérito por parte do povo da baía de Biscaia não querer fazer parte das intrigas espanholas. A personificação desta ideia é o presidente Aguirre, cujas manifestações públicas ao seu povo eram sempre marcadas por uma “apreciação humanista” (STEER, 2017, p. 168).

“Todavia, não lhes falava de pão, paz, canhões e manteigas como os atuais ditadores, mas do mercantilismo da Velha Espanha, dos vícios e virtudes do liberalismo econômico do século XIX, dos movimentos proletários a que deram origem, dos esforços da burguesia para acertar com eles um compromisso humanitário, e do êxito e fracasso desse movimento ao redor do mundo (STEER, 2017, p. 168)

Aqui, voltaremos rapidamente ao começo do capítulo para contextualizar a descrição da atuação política de Aguirre. Em seu encontro com Mendiguren, antes mesmo de ter permissão para transitar livremente pelas instalações bascas, Steer afirma que por causa do espírito democrático com o qual fora recebido em Bilbao fez com que começasse a se sentir “muito bem” na capital basca (Ibid, p. 165). Após Mendiguren assegurar-lhe acesso irrestrito (à linha de combate, aviões, indústrias bélicas, etc) e apresentá-lo a Aguirre, é difícil acreditar que o trato que recebera em Bilbao não o influenciasse a escrever um relato que chamaremos de relato de apreço. E doravante, o capítulo está recheado de trechos que acabam por reforçar o aspecto singular do líder basco e, portanto, do povo no geral, distinguindo-se, tanto em ações como espírito, da direita e da esquerda espanhola. “Diante dele, os esquerdistas republicanos, os socialistas, os comunistas, os anarquistas, todos giravam a cabeça assombrados. Ali estava o homem que resolvia todas as contradições [...]” (STEER, 2017, p. 169).

Posteriormente, há outros trechos que acabam por evidenciar a identificação de Steer com a luta basca. Se é bem verdade que os bascos eram diferentes dos

espanhóis em vários aspectos (língua, a indiferença basca aos militares, o costume da pesca, a ligação com a terra e o reconhecimento de que todos são iguais, enquanto os espanhóis no geral tinham uma sociedade rigidamente dividida entre classes e uma história conturbada com o Exército espanhol sempre intervindo na política, para citar apenas alguns exemplos), a narrativa de Steer não só evidencia isso mas valoriza e julga, mesmo que involuntariamente. Esse clamor do povo basco acontece novamente por meio de Aguirre, que

[...] era um dos poucos nacionalistas que nunca se referiu em termos agressivos aos castelhanos, e a isso se devia seu êxito à frente do governo de Biscaia. A perfeição das suas maneiras, a decência evidente de suas intenções, o hábito de sempre consultar os colegas, estabeleceram um padrão notável na administração espanhola (STEER, 2017, p. 171)

Foquemos em “perfeição” e “decência”. A primeira palavra demonstra uma clara admiração e contentamento com os maneirismos do presidente, oriunda de uma simpatia, de um reconhecimento e valorização dos trejeitos e costumes bascos por parte do jornalista. A “decência” de Aguirre evidencia ainda mais o juízo de valor que Steer faz dos bascos. Se na introdução do livro o autor diferencia bascos e espanhóis baseado nos relatos de uns sobre os outros de uma maneira direta (“Para os espanhóis, os bascos são brutos e *bestias*; e, para estes, os espanhóis são intrigantes, desonestos e parasitas políticos [...]” (STEER, 2017, p. 13)), aqui a opinião do jornalista sobre os bascos é clara. Essa “decência” a qual Steer se refere provavelmente é baseada na definição do próprio jornalista do que é decente. Aqui vale lembrar a observação de Motta (2008), que ao dissertar sobre a construção de discursos e narrativas no jornalismo, afirma que “a narrativa jornalística, por mais que se pretenda isenta e imparcial, é também fortemente determinada por um fundo ético e moral” (p. 164). E podemos reforçar esse argumento lembrando que o *journalism of attachment* rejeita a neutralidade baseada em uma própria moral (RUIGROK, 2008), que neste caso é a do repórter. O termo só foi cunhado na década de 1990, mas é evidente que a produção jornalística de Steer teve uma influência forte do respeito e admiração que nutria pelos bascos.

Mais adiante, após enumerar diversas ações que formam o retrato de Aguirre como um homem honesto e conciliador, o autor reconhece que seu texto é valoroso em prol do presidente basco. “Todos esses imperativos soam um tanto pomposos no papel” (STEER, 2017, p. 172). Ainda assim, ele mais uma vez reforça a ideia de que sua relação harmoniosa com os bascos se deve à sua identificação com eles. “Acredite ou não, achamos que estamos nos saindo muito bem” (STEER, 2017, p. 172). Neste trecho, nos atentaremos ao uso da primeira pessoa do plural para a construção da frase. Voltando à introdução, Steer foi claro com o leitor ao dizer que

Na parte final desta narrativa, uma vez que é quase toda em primeira mão, emprego os termos “nós” e “nosso” para me referir aos bascos. Faço isso porque vim a conhecer bem a milícia basca, e por ser um recurso jornalístico usual, quando estava na Espanha, referir-se de tal modo ao lado no qual se estava trabalhando. Do uso desses termos não se deve inferir que participei de algum modo do conflito. Tampouco que, devido à minha simpatia pelo povo basco, esmagado como muitos de nós entre os dois extremos, eu fosse incapaz de detectar suas deficiências (STEER, 2017, p. 15)

E finaliza essa parte da obra afirmando que espera pela “ressurreição dessa que é a mais antiga e honesta democracia da Europa” (STEER, 2017, p. 15). Como mostramos no capítulo 3 desta monografia, a Guerra Civil Espanhola foi um conflito extremamente polarizado, e ambos os lados tiveram apoio de países de espectros ideológicos opostos (Alemanha e Itália apoiando os rebeldes, União Soviética apoiando os republicanos). Grande parte da cobertura da imprensa internacional refletiu a polarização que marcou o conflito. Os correspondentes reportavam ou do lado republicano ou do lado nacionalista. Como George Orwell cita em sua resenha da *A Árvore de Gernika* publicada na revista *Time and Tide* em fevereiro de 1938, “é mais do que óbvio [...] que todos aqueles que escrevem sobre a guerra espanhola o fazem como partidários” (RANKIN, 2017 apud STEER, 2017, p. 502¹⁵).

Mas fica nítido que Steer visualizava os dois lados espanhóis como “extremos” e acabou por se apegar aos bascos pela valorização do espírito democrático por parte deles. Reforçaremos aqui a tendência da imprensa, no geral, de defender a democracia, pois foram sob sistemas democratas que os jornais se

¹⁵ STEER, George Lowther. **A árvore de Gernika: Um estudo de campo da guerra moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

desenvolveram, cresceram e obtiveram a liberdade de imprensa. O espírito democrático de Steer encontrou eco na cultura dos bascos, que, sob a óptica do autor, buscavam se desprender dos autoritarismos que os rodeavam. Ambos não eram contemplados pelos espectros políticos que polarizavam o conflito. Evidentemente, Steer tomara o lado que permitiu que seu trabalho pudesse ser feito e que defendia a pluralidade de ideias e o respeito, precedida por uma ética que tanto ele quanto o povo basco e seus representantes pareciam compartilhar.

4.1.3 Capítulo 11 - Uma crônica basca

O capítulo 11 conta, rapidamente, a história de uma batalha marítima entre traineiras armadas bascas com o encouraçado *España*, o cruzador *Canarias*, o destróier *Velasco* e outras traineiras que compunham o bloqueio franquista na Baía da Biscaia. O batalha ocorreu no dia 5 de março de 1937, após a tentativa dos bascos de trazerem de Bayonne, na França, um grupo de duzentas pessoas de volta para Bilbao (entre elas um político catalão amigo do presidente Aguirre), além de uma carga de moedas de níquel, correspondências secretas e códigos cifrados. Os bascos não tiveram muita sorte para furar o bloqueio marítimo (STEER, 2017).

Era um espetáculo lamentável. O *Guipuzcoa* estava em chamas, o *Nabara* fora alvejado quatro vezes, mas ainda continuava a disparar com regularidade. O *Canarias* pairava sobre o *Galdames*, com as labaredas se alastrando pelos canhões. O pequeno *Donostia*, com um pífio canhão de 75, afastou-se para o mar e lá ficou a observar e ponderar (STEER, 2017, p. 180)

O navio que resistiu foi o *Nabara*, que travou um confronto duro com o *Canarias*, dos nacionalistas espanhóis, passando pela período vespertino e entrando noite à dentro. Foi aí que teve a chaminé destruída e o convés completamente perfurado. O motor não funcionava mais. Diante da impossibilidade de continuar no navio, que estava em chamas e começava a afundar lentamente, seus homens decidiram baixar um bote e remar até a costa. Dos 52 que compunham a tripulação, 14 haviam sobrevivido até o momento. O *Canarias* baixou uma lança para ir atrás e aprisionar os bascos. Ao invés de se renderem, os 14 feridos foram para cima dos

fascistas com granadas de mão. Conseguiram matar oito ou nove homens antes de serem aprisionados. A ousadia foi recompensada pelo capitão do *Canarias*, que ao invés de fuzilá-los, os mandou para prisão, afirmando que aqueles bascos eram heróis e mereciam viver (STEER, 2017).

É uma tragédia basca. Steer afirma que é a história mais galante da guerra civil e que achava curioso que ainda não tivesse sido contada (a primeira edição do livro é de janeiro de 1938, quase um ano depois da batalha), apesar de reconhecer que o confronto pouco contribuiu para os desdobramentos da guerra. Novamente, a conexão dele com os bascos o levou a narrar o episódio, que ele, assim como o capitão do *Canarias*, via como um exemplo de bravura. Devemos lembrar que o jornalista se via como um cronista dos êxitos e falhas que resultaram na queda do País Basco perante as forças fascistas. Neste episódio, ele faz exatamente isso, sem economizar na demonstração de afeto. Se o *journalism of attachment* não é só a reportagem dos fatos, mas também é uma preocupação em mostrar que o jornalista também se importa (MEURET, 2015), a narração deste episódio é um exemplo perfeito disso, numa tentativa de marcar na história a honra dos bascos que não se renderam pois eram fervorosos idealistas.

[...] não posso deixar de sentir que, neste mundo, há coisas mais importantes do que armas ou níqueis. É por isso que a tenacidade de 51 pescadores de alto-mar bascos e de um taifeiro, todos igualmente despreparados para a guerra, não deve cair no esquecimento (STEER, 2017, p. 183)

A valorização acontece pela identificação e pela clara emoção em relação aos motivos pelos quais os bascos lutavam. A tragédia dos bascos se equivaleria a qualquer tragédia humana, e Steer acaba também por propor esse reconhecimento por parte do leitor. Após posicionar-se, mais uma vez, como uma espécie de historiador da luta basca pela liberdade, o autor presta uma homenagem aos que faleceram na batalha marítima traçando uma comparação com um episódio que envolveu a Inglaterra, sua pátria.

Os mortos ficaram ao largo de Bermeo, o antigo vilarejo de pescadores que, em 1351, assinou um tratado com o rei Eduardo III, da Inglaterra, no qual se estabelecia o princípio básico da liberdade dos mares. Eles ficaram na rota dos pequenos barcos que

navegavam para o Ocidente desconhecido, após terem se instalado às margens do esteiro de Gernika, onde os grandes navegadores bascos do Novo Mundo, do Labrador ao cabo Horn, haviam aprendido o ofício. Morreram em um tradição venerável, a do risco e da liberdade dos mares. No mundo moderno, confirmaram a visão do historiador inglês Walsingham, que escreveu após o confronto naval entre ingleses e bascos em 1350: “Preferiram, devido à rudeza de seus corações, antes morrer do que se render” (STEER, 2017, p. 184)

A relembração do confronto é uma entre as várias tentativas de Steer de traçar paralelos entre os bascos e os britânicos. Retornando rapidamente ao capítulo 10, o jornalista afirma que está se saindo “muito bem” com o presidente Aguirre e retorna a narrativa para o tempo presente. “E, quando saímos para a garoa, até que lembrava um pouco Liverpool, com as lojas fechadas, os irlandeses longe em Blackpool e os protestantes decentemente em suas casas, desfrutando da Paz do Reino” (STEER, 2017, p. 173). Ao final deste capítulo analisado, ele procura novamente ligar os dois povos. Durante a leitura destes dois capítulos, percebemos que além da identificação dos valores democráticos compartilhados tanto pelo autor quanto pelos bascos, o apreço de Steer se deve também pelo fato dos bascos se assemelharem aos ingleses. As comparações acabam por mostrar que o autor via neles algo que remetia aos britânicos. Portanto, sua obra acaba por familiarizá-los. Se os bascos, na visão de Steer, seriam uma espécie de extensão dos ingleses, tanto culturalmente como politicamente, é natural que o repórter os admirassem.

4.1.4 Pelo povo basco

Como já citamos anteriormente, a Guerra Civil Espanhola foi um conflito altamente polarizado. A cobertura da imprensa era um reflexo desse ambiente. Portanto, era inviável fazer uma cobertura de guerra objetiva, ainda mais em um conflito brutal. O *journalism of attachment*, como já citamos no capítulo 2, reconhece essa impossibilidade para *qualquer* conflito e advoga por um jornalismo humanitário, que se sensibilize com um lado e que reconheça os custos humanos da guerra. Todos estes elementos podem ser encontrados no texto de Steer. Sua obra, portanto, não pode ser considerada uma obra objetiva. O repórter renegou-a voluntariamente, e nos perguntamos se em algum momento ele até pensou em

utilizar este método para a construção de sua narrativa de guerra. Outros jornalistas, como também já citamos, não eram objetivos em seus relatos. E desde aquela época já se questionava se a objetividade era possível, pelo menos na cobertura de guerra de conflitos armados.

Em sua biografia *Martha Gellhorn* (Chattos & Windus, 2003), Caroline Moorehead sugere que a violência homicida da Guerra Civil Espanhola fez com que Gellhorn questionasse “toda essa merda de objetividade”. O primeiro artigo enviado por ela da zona de combate falava do esforço dos moradores de Madri para manter sua vida cotidiana sob um bombardeio errático e brutal; para Gellhorn, a compaixão e o terror evocados por esse eventos tornavam “desumano” qualquer ideal de objetividade (RANKIN, 2017 apud STEER, 2017, p. 502¹⁶)

Steer claramente tomou o lado dos bascos, pois se identificava com sua cultura, ética e política, e escreveu uma obra que se tornaria uma homenagem à luta por sua autonomia e independência. Com base na análise acima, podemos afirmar que o jornalismo praticado pelo britânico é exatamente o que o *journalism of attachment* se propõe a fazer. O mérito deste conceito está no reconhecimento de que a subjetividade é algo a ser abraçada. A indignação com a crueldade de guerra fez com que o relato de Steer fosse recheado de emoção, e esta foi amparada pelos valores morais e éticos que o repórter compartilhava com o objeto de sua cobertura jornalística. É importante salientar que a realização de um jornalismo subjetivo, ou intersubjetivo, como falamos no capítulo 2, não o faz menos valoroso jornalisticamente. O nível de profundidade e informação presente em *A Árvore de Gernika* é grandioso. Reforçaremos esta ideia agora que iremos analisar sua obra pela perspectiva do jornalismo literário.

4.2 O ESPÍRITO E A TRAGÉDIA BASCA

Neste segundo momento, nos esforçaremos em identificar os elementos do jornalismo literário presentes na correspondência de guerra de Steer. Contudo,

¹⁶ STEER, George Lowther. **A árvore de Gernika: Um estudo de campo da guerra moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

faremos antes comentários sobre o texto para contextualizar o jornalismo e a correspondência de guerra característicos da obra.

No capítulo 10, não há a narração de conflitos da guerra. Como mostramos anteriormente, esta parte do livro narra o encontro do jornalista com autoridades basca em sua estadia de seis dias em Bilbao em janeiro de 1937. Como não narra episódios que se desenrolaram “no teatro da guerra”, categorizaremos o capítulo como uma narrativa de guerra, conforme a definição de Cunha (2012), presente no capítulo 2 desta monografia.

Já o capítulo 21 conta, em detalhes, o bombardeio do vilarejo de Gernika. Um breve resumo do capítulo, bem como a análise deste, estará presente na seção 4.2.2. Neste excerto do livro, o episódio é narrado cena a cena, e seguramente podemos afirmar que se trata de uma correspondência de guerra, de acordo, novamente, com a categorização de Cunha (2012). *A Árvore de Gernika*, como dito anteriormente, foi publicado em janeiro de 1938, e grande parte do livro é uma aglutinação dos despachos de guerra do jornalista. Antes de aparecer em sua forma literária, o bombardeio do vilarejo foi publicado em formato de reportagem tanto no jornal britânico *Times* quanto no *The New York Times* em em 28 de abril de 1937, dois dias após o episódio (RANKIN, 2017 apud STEER, 2017¹⁷).

4.2.1 Capítulo 10 - O jornalismo literário como tradutor das qualidades bascas

Apesar de sua estadia em Bilbao ter durado seis dias, o capítulo analisado descreve, cena a cena, os movimentos de Steer em seu segundo dia na capital basca, quando conheceu Mendiguren e Aguirre. O repórter coloca-se como elemento chave da história contada, variando a narrativa de primeira para terceira pessoa.

Na manhã seguinte à minha chegada, fui ao Hotel Carlton, para onde se transferira a Presidência basca depois que uma bomba alemã caíra perto de sua antiga sede, o clube Bilbaíno. O recém-chegado teve o primeiro choque logo na entrada, guardada por policiais idosos com túnicas azuis e boinas vermelhas; e teve de relembrar a história basca para se dar conta de que a boina vermelha - por mais vívido

¹⁷ STEER, George Lowther. **A árvore de Gernika: Um estudo de campo da guerra moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

adorno bélico que seja - não representa o carlismo de Navarra, mas é o tradicional adorno basco nas guerras, *fiestas* e danças comunitárias (STEER, 2017, p. 163)

Apesar da presença, em diversos momentos, de uma narrativa histórica e reconstituente, o que se segue é uma descrição cena a cena em ordem cronológica, com o jornalista ambientando a cidade e detalhando suas características e personagens para o leitor.

Esses portadores das insígnias eram *mikeletes*, os guardas do Conselho Provincial de Guipúzcoa. Eles marchavam com luvas brancas, fuzis aos ombros, com descontraída displicência temperada apenas pelo reumatismo, de um lado ao outro do pórtico presidencial. A este se chegava após cruzar a ponte que separava a cidade velha, com ruas estreitas e tortuosas, igrejas maciças e casas altas, da cidade nova na margem esquerda do Nervión. Ali, no eixo da larga Gran Vía, estendia-se Bilbao comercial atrás das pilastras clássicas, pesados pátios de granito e prósperos baixos-relevos de cornucópias, cachos de uva e barcos, querubins saltitantes e ninfas opulentas da década de 1890 [...]. Agora, porém, havia ali buracos de bombas, e as vitrines vazias da ausência de comércio (STEER, 2017, p. 163-164)

Steer então encontra-se com Mendiguren. Sabemos que do encontro ele consegue acesso a quase todas as áreas do País Basco, mas a descrição que o jornalista faz dele é recheada de um realismo que caracteriza o que Wolfe (2005, p. 80) chamou de “detalhamento de status de vida”, registrando o físico, gestos e hábitos do basco.

Um jovem franzino, sempre de terno azul-escuro e boina, como tantos bascos, Bruno se distinguia dos outros pelo fato de que sua força física não parecia equiparável ao elevado padrão do entusiasmo dos olhos, da língua e dos braços. Loiro, de cabeça estreita e nariz arrebitado, os olhos brilhantes saltavam das órbitas, tão excitados ficavam ao falar da pátria. Para enfatizar a firmeza e a determinação da raça basca, fazia um movimento peculiar com o antebraço, como se cortasse algo rapidamente sem mover o ombro, que interrompia pouco antes de se quebrar de encontro à mesa do seu gabinete. Até conhecer Bruno, o nacionalismo basco era para mim algo extravagante, como um movimento dos moradores da ilha de Man, mas agora estava clara sua absoluta seriedade, pois Bruno, com os olhos e braços vigorosos, era a ponta de lança dessa convicção (STEER, 2017, p. 165)

E, por último, há a presença, ainda que esta técnica seja a menos utilizada pelo inglês durante o seu livro e comumente é apresentada de maneira incompleta e, neste caso, interrompida, do registro de diálogos.

Ele era encantador. “O que você quer ver?”, indagou ao concluir a explicação do caráter basco, com o corpo esguio ainda se recuperando do esforço prazeroso. [...] Tomando fôlego, comecei: “Gostaria de ver as escolas, os hospitais, a assistência social - coisas agradáveis e inócuas, e aí, com um pouco mais de tensão na voz - “e também as prisões, os quartéis e a linha de frente”. Em seguida, em meio a um derradeiro embate entre a língua, a amígdala, a saliva e o sentimento de que, uma vez que insistira tanto no fato de serem livres e democráticos, por que afinal não pagar para ver?, acrescentei: “E as defesas, os aérodromos, aviões, equipamentos e as indústrias de material bélico”. O fôlego começou a me faltar. Que coisa terrível havia feito! Ainda assim, meu derradeiro grito diante do paredão de fuzilamento seria: “Você é que me levou a dizer isso, ao insistir que eram democráticos”. “Está bem”, disse Mendiguren, “vamos arranjar para você ver tudo isso”. [...] “Agora”, disse Bruno, “venha comigo e vamos conhecer o presidente” (STEER, 2017, p. 165-166)

Todos os quatro elementos que constituem o Novo Jornalismo de Wolfe (2005) são, em certa medida, encontrados durante estes trechos. Mais além, o relato de Steer é profundo e abdica, de todas as formas, de um modelo de narração direto e engessado, complementando-se com a definição de jornalismo literário de Pena (2006). Ao invés de apenas observar e reportar a guerra e suas batalhas, o britânico vai mais a fundo, descrevendo os personagens envolvidos, seus interesses, planos, ideologias e paixões. Desta maneira, ele traça um retrato complexo das circunstâncias bascas durante a Guerra Civil Espanhola.

Os recursos do jornalismo literário utilizados para descrição do episódio acima dão todos os ingredientes para que o leitor identifique o espírito basco e a sua luta pela democracia. Ao invés de simplesmente apontar que o povo era democrático, Steer elaboradamente leva o leitor a essa invariável conclusão ao detalhar as características dos homens envolvidos na guerra.

Mais adiante, o repórter utiliza dos mesmos recursos técnicos para evocar uma imagem ainda mais impressionante e simpática do presidente Aguirre.

Um rosto de traços requintados, com olhos muito sagazes e bem-humorados. As longas sobrancelhas, retas e pretas, traziam no centro as linhas confusas de quem se dispõe a concessões para

alcançar um ideal. Pois Aguirre, assim como o restante do seu partido, era um idealista do começo ao fim; essa característica brotava como uma flor de suas manifestações públicas, que mesmo nas horas mais amargas de Bilbao nunca eram demagógicas, e eram sempre explicativas no sentido mais estrito, trespassadas de um lado a outro pelo recurso à história e à lei, e toda marcada por uma apreciação humanista de ambas. Era algo assombroso ouvi-lo na imensa quadra fechada de pelota em Bilbao, o Frontón Euzkalduna, onde às vezes se dirigia à multidão antes da época em que esta era fustigada pelos obuses de doze polegadas. A voz, a que imprimia certa dureza nas animadas conversas particulares, era extremamente bela e vigorosa. O povo, ainda que raras vezes do seu partido - pois estes estavam na frente -, ouvia fascinado (STEER, 2017, p. 168)

O nível de informação presente no texto, e a maneira como essas informações são apresentadas, foram atingidos pelo tempo de apuração disponível de Steer. Apesar do capítulo narrar apenas um dia de sua estadia em Bilbao, o jornalista ficou na cidade por mais cinco dias. No futuro, retornaria, acompanhando sua queda para as forças de Franco. Teve tempo para observar, conversar e refletir sobre o que viu e ouviu. Aprofundou-se na pauta - a causa basca em meio à Guerra Civil - e também por isso teve tempo para conhecer e se identificar com eles, produzindo um produto jornalístico complexo e preciso, mesmo que tenha renegado por completo a objetividade e tenha se envolvido até demais com seu objeto de estudo.

4.2.2 Capítulo 21 - A destruição de Gernika e o impacto da guerra

Neste capítulo, Steer narra acontecimentos que o acometeram no dia 26 de abril de 1937, e, posteriormente, o bombardeio de Gernika por aviões alemães. Antes de fazermos a análise das características do jornalismo literário presentes neste trecho de *A Árvore de Gernika*, faremos um breve resumo da reportagem de Steer.

O repórter se encontra no vilarejo destruído de Arbacegui, próximo à Gernika na companhia do jornalista francês Mathieu Corman. Ambos estão tentando retornar a Bilbao, e a destruição os impedia de seguir em frente. Para surpresa dos dois, surge um grupo de seis caças alemães para castigar ainda mais o vilarejo destruído. Steer e Corman procuram um abrigo antibombas e esperam os bombardeios e os

tiroteios passarem. Enquanto se protegem, avistam outros moradores de Arbacegui buscando abrigo. Ninguém morreu na ofensiva. Após o ataque, voltam de carro para Bilbao. No caminho, avistam bombardeiros Heinkel 111 indo em direção à Gernika. Steer ouve o barulho de bombas. Satisfeitos com as ações do dia, ele e Corman resolvem seguir reto para Bilbao para escrever os relatos dos dias para seus jornais (STEER, 2017).

Em Gernika, era dia de feira. Os camponeses geralmente levavam seus animais e produtos para venda no mercado da cidade. Apesar da Guerra Civil, aquele era um dia bem rotineiro no vilarejo, até que às 16h30 o sino da igreja soou uma vez. Aviso de bombardeio. As pessoas procuraram abrigo. Primeiro veio um Heinkel 111 e bombardeou Gernika solitariamente. Minutos depois, outro avião fez a mesma coisa. Após minutos de calma, alguns cidadãos começaram a deixar os abrigos. Foi então que ouviu-se um novo troar no céu, e aproximou-se do vilarejo um grupo de Junkers 52, os bombardeiros mais pesados que a Alemanha enviara à Espanha. Eles recomeçaram o bombardeio e eram o prelúdio do que ainda estava por vir (STEER, 2017).

Às 17h15, começaria a verdadeira tragédia. Esquadrilhas de 3 a 12 aviões, compostas pelos tipos Heinkel 111 e Junkers 52, bombardearam Gernika sistematicamente por duas horas e meia, com intervalos de 20 minutos. O bombardeio terminaria às 7h45. O vilarejo estava todo destruído. As casas e os edifícios queimavam, e as labaredas faziam o céu noturno brilhar em tons de laranja e rosa, clareando a noite coberta pela escuridão e pela névoa cinza que as bombas levantaram (STEER, 2017).

Steer ficou sabendo do bombardeio às 22h, em Bilbao. Assim que recebeu a notícia, foi para Gernika. Chegando lá, ele encontra o vilarejo completamente destruído e muitas testemunhas completamente em choque. Conversou com algumas mulheres, que lhe contaram em detalhes como a destruição de Gernika ocorreu. Pessoalmente, foi até a Casa das Juntas, onde encontrou o carvalho que simbolizava as liberdades bascas completamente intacto. Voltou a conversar com outras testemunhas enquanto a cidade ainda queimava e depois resolveu voltar para Bilbao, onde escreveria a história do bombardeio no dia seguinte, 27 de abril. Levou consigo tubos prateados oriundos das bombas alemãs que castigaram Gernika

(STEER, 2017). Agora que resumimos brevemente o conteúdo do capítulo, podemos nos concentrar na análise do material.

O jornalismo literário que o autor utiliza para a narração do bombardeio de Gernika pode ser identificado por meio da reconstituição da rotina do vilarejo minutos antes do bombardeio. Além de se concentrar na narrativa do acontecimento, Steer ambienta o leitor na pacata vida dos moradores, utilizando novamente a descrição cena a cena e o detalhamento do ambiente.

Depois das quatro, ainda chegavam a Gernika as carroças dos camponeses, movendo-se sobre sólidas rodas de madeira e puxadas por bois cuja cabeça era protegida do sol por pele de carneiro. Com longas e franzidas batas de feira, os camponeses bascos caminhavam de costas diante dos bois, hipnotizando-os até Gernika com varas esguias, que serviam para tocar suavemente os chifres e a canga. Eles conversavam com os bois. Outro levavam ovelhas à feira. Havia um agrupamento de animais perto da igreja paroquial, uma imponente e cavernosa edificação, de interior alto e escuro, que se erguia sobre um lance de degraus baixos como folhas empinadas (STEER, 2017, p. 295)

Na sequência, sua intenção é provocar um contraste entre o clima leve da cidade com o posterior terror que a força aérea alemã provocou. Ao invés de ser direto, o relato é prolongado. A narrativa se concentra na aviação alemã e em suas ações. A descrição dos movimentos dos caças tem como objetivo manter vívida no leitor a imagem de suas ações e intenções.

A escolta dos Heinkel 51, a mesma talvez que havia nos importunado naquela tarde, estava à espera desse momento. Até agora haviam metralhado as estradas ao redor de Gernika, dispersando, matando ou ferindo ovelhas e pastores. Enquanto a população fugia aterrorizada da cidade, mergulharam dispostos a massacrar tudo o que se movesse. Ali foram mortas as mulheres cujos corpos vi mais tarde. Com a mesma técnica usada em Durango em 31 de março, quase um mês depois (STEER, 2017, p. 296-297)

Steer continua a narrar as idas e vindas dos caças alemães. Há uma alta carga de literalidade no texto por meio das alegorias utilizadas para facilitar o entendimento da ofensiva alemã ao vilarejo. Ainda assim, a narrativa é fluida, consistente e explicativa.

Os pequenos caças desciam alinhados, como ondas dançarinas e faiscentes. E as ondas se quebravam sobre os campo enquanto eles mergulhavam contentes. Vinte metralhadoras disparando ao mesmo tempo e, atrás delas, o rugido das ondas produzidas pelos dez motores. Sempre voavam com o nariz voltado para Gernika. Para os pilotos, deve ter sido como deslizar em ondas. As pessoas apavoradas se estendiam de bruços em valas, colavam as costas no tronco das árvores, dobravam-se para entrar em buracos, fechavam os olhos e saíam correndos pelos verdes e amenos campos abertos. Insensatamente, muitos correram de volta ao vilarejo antes da chegada da maré aérea. Mas foi aí que de fato começou o bombardeio pesado de Gernika. Foi então que a cidade foi obliterada daquela opulenta paisagem, a província de Biscaia, por um punho esmagador (STEER, 2017, p. 297)

A reconstituição do episódio deixa claro o objetivo do repórter de contar *exatamente* o que se seguiu, em uma linha cronológica. Steer já introduziu o leitor às maneiras de ataque dos alemães e à reação da população, que buscava se salvar de qualquer maneira. A narrativa até o momento cumpre um papel de prefácio. O detalhamento e a descrição cena a cena são feitos com o intuito de marcar na memória do leitor as ações dos atacados e dos bombardeadores, para que se tenha a dimensão do terror provocado pelo bombardeio consecutivo do vilarejo. E assim ele inicia a condução para os trechos mais impactantes de sua narrativa.

Era por volta das 5h15. Durante duas horas e meia, esquadrilhas de três a doze aeroplanos, dos tipos Heinkel 111 e Junkers 52, bombardearam Gernika sem piedade e de maneira sistemática. Escolheram os alvos da cidade metodicamente, começando pelo setor a leste da Casa de Juntas e ao norte da fábrica de aras. As primeiras bombas caíram como círculo de estrelas em volta do hospital na estrada para Bereo; todas as janelas foram arrebentadas pelo sopro divino, os milicianos feridos foram arremessados dos leitos, a estrutura interna do edifício foi sacudida e rompida (STEER, 2017, p. 297)

Não só os prédios eram rompidos, como o vilarejo inteira também era. Rompido pelo fogo, pelas estruturas metálicas densas e pesadas que constituem as bombas que o castigaram. Com o início do bombardeio, o incinerável invariavelmente transforma-se em chamas.

Tubos com um quilo, do tamanho de um antebraço, com um reluzente tom prateado no revestimento de alumínio e magnésio; dentro deles dormia o fogo, como no princípio do mundo de Prometeu. Sob a forma de 65 gramas de pó prateado, pronto para escapar por seis furos na base do tubo brilhante. Assim, enquanto as

casas eram destroçadas o fogo embainhado descia do céu para consumi-las (STEER, 2017, p. 297-298)

A situação horripilante requereria uma narração dramática que fizesse jus ao nível de destruição provocado pelo ataque alemão. “A cada vinte minutos minutos chegava nova onda de atacantes” (STEER, 2017, p. 298). Há um ciclo em curso. Tudo o que ele descreveu se repetia, sistematicamente. E, portanto, o vilarejo se desintegrou aos poucos. A cada novo bombardeio, “a face de Gernika transformava-se em cinzas, a face de todos estava cinzenta, mas o terror alcançara um ponto de obstinação submissa jamais visto em Biscaia” (STEER, 2017, p. 298). Ainda assim, a narrativa não é repetitiva como o fato. E isso é possível pela criatividade de Steer no emprego das técnicas do jornalismo literário. Além da descrição cena a cena e da ambientação, ele utiliza analogias e comparações para reforçar o caráter aterrador da destruição de Gernika. Os aviões vagam pelos céus como se nadassem em ondas. O fogo é voraz em sua caçada pelo consumo da matéria; as bombas o guardam de uma maneira sagrada, e antes de queimar ele dorme, coberto por um tubo metálico, como o fogo de Prometeu. O objetivo aqui é destacar o impacto e a força do ataque, expressando poeticamente o terror sentido pelos habitantes de Gernika. O texto é rebuscado; ainda assim, informativo e fiel aos fatos que se sucederam, como na passagem abaixo, que exemplifica a fluidez entre informação e técnicas literárias.

Para quem estava em Gernika, não era questão de número, mas de um terror inquantificável e imensurável. Tudo o que conseguiam ouvir era o troar dos motores e o estralar das explosões que não paravam mais até soarem bastante monótonos. Não podiam ver nada além das portas dos abrigos e seus próprios rostos desamparados, e às vezes, se estavam na rua, os pontos de fogo onde caíam os tubos prateados; caíam muitos de cada vez, pois eram jogados em grupos de 24, presos a um eixo giratório. Outras vezes, antes de pular nos abrigos, avistavam em meio à fumaça as asas rígidas e insistentes dos aviões que os perseguiram, e ouviam a queda do metal sem asas que jorrava cegamente por toda a cidade, arrebatando paredes e telhados e despojando as árvores de folhas e ramos (STEER, 2017, p. 301)

Na última parte do capítulo, Steer muda a narrador da terceira pessoa do singular para uma narração híbrida. De acordo com sua necessidade, ele intercala

entre a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural. Aqui, este recurso é utilizado não só para representar os bascos, mas todas as testemunhas que presenciaram o bombardeio.

Na praça, à sombra escura da Casa de Juntas, que naquela noite proporcionou a única sombra em Gernika, as pessoas sentavam-se em cadeiras quebradas, estendiam-se em mesas grosseiras ou colchões embebidos em água. Em sua maioria, mulheres: centenas delas estavam dispersas ao redor do espaço aberto e, enquanto passávamos, tateavam em torno, remexiam em travesseiros sujos, tentavam dormir, tentavam debilmente caminhar. Conversamos, e elas me contaram tudo o que havia acontecido. Essas pessoas vitimadas foram a fonte de tudo o que escrevi (STEER, 2017, p. 303)

Este trecho é importante também para a nossa análise pois o jornalista acaba oferecendo ao leitor a oportunidade do entendimento da construção do texto jornalístico. O uso da terceira pessoa é comumente usado para que o discurso seja impessoal (SATO, 2005), mas aqui a intenção é justamente a contrária. Steer rejeita a neutralidade, como explicamos na primeira parte da nossa análise. O jornalismo literário, aqui, é a técnica, e o *journalism of attachment* acaba por ser o produto final oriundo de sua observação e julgamento. Não há como se sentir horrorizado depois de ler sobre a destruição de Gernika. Pois o relato de Steer, mesmo não sendo objetivo, é fiel e profundo. Sua atuação jornalística mostra que a objetividade como norma não é necessária para a compreensão e narração dos fatos. Mais do que isso, o fato do texto não ser objetivo não invalida sua veracidade. O jornalismo subjetivo de Steer também é um retrato da realidade, tão fidedigno e verossímil quanto qualquer outro jornalismo que se diga imparcial e neutro. Ao transportar-se para o meio da ação narrada, o repórter é transparente em relação ao seu processo de apuração e, portanto, ao processo da formação de seu texto, trazendo credibilidade à sua narrativa. Além de conquistar a confiança do leitor, ele revalida seu testemunho por meio dos outros, e a história dos outros acaba por valorizar sua observação em relação à guerra. Uma síntese desta ideia reverbera no trecho em que o repórter conta sua chegada ao vilarejo em chamas.

Deixando para trás os morros, por fim avistamos Gernika. Só restava a estrutura das casas. Em todas as janelas, olhos aguçados de fogo; em vez de telhados, violentas labaredas desgrenhadas. A estrutura

tremia, e a violenta desordem rubra tomava o lugar da geometria estrita (STEER, 2017, p. 303)

E posteriormente, após processar o horror da destruição e conversar com as testemunhas, há outra passagem que humaniza ainda mais a história pela honestidade de sua posição como repórter em meio à ocasião.

Durante duas horas conversamos com as pessoas em volta da grande fornalha. Fumei um tanto de cigarros para acalmar o espírito, voltei de carro a Bilbao e deixei para escrever a história ao acordar. Caminhões do governo e carros de bois levaram embora os refugiados. Nossos faróis iluminavam os ombros caídos e os cobertores soltos de centenas de pessoas que lentamente seguiam a pé para Bilbao e Munguía. Entre cigarros, examinei três tubos prateados recolhidos nessa noite em Gernika. A termita de prata destilava-se pouco a pouco de suas bases; os tubos vinham da fábrica alemã RhS e haviam sido produzidos em 1936, dizia a etiqueta. Sobre o texto havia um símbolo em miniatura, a águia imperial com as asas de espantalho abertas (STEER, 2017, p. 305)

A guerra que Steer retrata é uma guerra horripilante, mortal, avassaladora. Se ele utiliza o jornalismo literário como técnica para retratar a tragédia basca em meio ao conflito, e o resultado inevitável de sua produção jornalística é o sentimento de solidariedade e a identificação com aquele povo, esses fatores acabam por servir ao solene objetivo de demonstrar a verdadeira face do conflito moderno: a destruição sistemática. No contexto da Guerra Civil Espanhola, o retrato que o jornalista faz do conflito busca, por meio de uma conexão de valores entre o repórter e os bascos, mostrar que é necessário o respeito pelas diferenças e a valorização da liberdade e da democracia. Aquela foi uma guerra em que a barbárie e a desumanização do outro ficaram em evidência. A guerra em que a democracia morreu pela injustificável intolerância.

5 CONCLUSÕES

A Guerra Civil Espanhola, diferente de muitos conflitos civis, teve um grande caráter e impacto internacional. Embora travada na Espanha, seus principais agentes vinham do mundo todo, e invariavelmente o confronto ganharia a atenção mundial. Ao longo de minhas investigações para a realização deste estudo, lemos diversos autores e conversamos com muitas pessoas que acreditam, devido ao contexto histórico, que o conflito foi um ensaio para a Segunda Guerra Mundial. Como o nosso objetivo nunca foi traçar comparativos históricos, evitamos falar sobre o assunto durante minha dissertação, mas agora elucidaremos algumas ideias com o propósito de valorizar a importância do estudo dessa guerra.

Enquanto construía o esqueleto do trabalho, não deixamos de notar semelhanças na maneira como Gernika foi destruída e a *Blitzkrieg* que a Alemanha utilizaria na Segunda Guerra. O objetivo era o mesmo: atacar constantemente para desorientar completamente o inimigo. O bombardeio de civis também foi algo que ocorreu frequentemente na Guerra Civil Espanhola, e anos mais tarde seria usado pela Alemanha para castigar a França e a Inglaterra. Mas o que mais nos chamou a atenção foi a cadeia de acontecimentos que levaram a Espanha ao conflito. O país estava extremamente polarizado ao mesmo tempo em que uma frente de esquerda assume o poder de uma república jovem. As forças reacionárias, alentadas por um nazifascismo que crescia na Europa, se juntam para retomar o poder sob o argumento de salvar a honra do país e de proteger os valores cristãos. O argumento é de que todos os seus opositores são criminosos. Todos os seus opositores são contra a moral de Deus. Não há espaço para o respeito e para a pluralidade. O objetivo é a destruição da democracia por um projeto de poder excludente e assassino.

Essa sucessão de eventos, e os argumentos neles presentes, volta e meia se repetem em outros lugares e países. Esperamos que o leitor, uma vez dada as ferramentas textuais, possa identificar a semelhança entre a ascensão dos regimes autoritários fascistas na Europa com o crescente fanatismo religioso que assola a América Latina atualmente. E desta mesma forma, compreenda o porquê do jornalismo praticado por George Steer ser um jornalismo que se importa com um

lado, que toma partido, que defende um ideal. O jornalismo ganha importância e relevância na sociedade quando se há democracia. A liberdade de imprensa serve, entre outros propósitos relevantes, para que se possa defender a liberdade e o respeito aos outros. O jornalismo depende da democracia. É necessário que, em momentos em que a democracia está ameaçada, os jornalistas cumpram o seu papel de defendê-la.

Desta forma, esperamos que o nosso trabalho contribua para uma reflexão do fazer jornalístico não só quando a democracia está em perigo, mas em momentos de guerra também. Se a completa imparcialidade é inatingível, isso não significa que um jornalismo que toma um lado não tenha credibilidade. A lição mais importante é a transparência e o comprometimento com os fatos e com a transmissão de informações, não só no momento de apuração mas no momento de sua apresentação, seja ela em texto, rádio ou televisão.

O *journalism of attachment* é um termo que precedeu a Guerra Civil Espanhola. Ainda assim, não significa que nunca esteve lá. A cobertura de imprensa do conflito foi, se é que podemos dizer dessa maneira, partidária. Traduzindo: quem cobria um lado geralmente defendia esse mesmo lado. Por isso a transparência é importante nesse caso. Não é errado tomar um partido; errado é falsear sua relação com o leitor. Mais errado ainda é a generalização de que a imprensa em algum momento foi imparcial ou neutra. E a cobrança desse tipo de postura em meio a uma guerra, com todos os custos humanos e emocionais envolvidos, nos parece descabida.

Sendo assim, nos concentraremos agora nas principais descobertas do estudo. Os objetivos que nortearam essa monografia envolviam uma análise da obra para identificar as características literárias e se o jornalismo praticado por Steer durante sua cobertura da Guerra Civil Espanhola poderia ser categorizado como *journalism of attachment*. Nossa análise concluiu que seu texto possui as características do *journalism of attachment* pois Steer deixa clara sua identificação com a democracia, valores e ideais bascos por meio de uma moral que tanto o jornalista quanto o povo, no geral, compartilham. Steer acaba por demonstrar seu apreço à causa basca por meio do jornalismo literário, que aqui pode ser entendido como a ferramenta utilizada para a construção de sua narrativa. Tanto o jornalismo

literário quanto o *journalism of attachment* acabam por se complementar no caso da obra analisada, pois o emprego de recursos literários tem como propósito a emoção e identificação do leitor com os bascos. O jornalismo literário é, portanto, o meio para o *journalism of attachment*. Dessa relação, Steer acaba por retratar a Guerra Civil Espanhola como um conflito violento, desumano e extremamente polarizado, em que a democracia basca perdeu devido aos interesses de ambos os extremos do espectro político. O jornalista vê mérito na luta basca e lamenta pelo fim do que ele chama de a mais antiga democracia do mundo. Nesse caso, a Guerra Civil Espanhola serviu para a destruição dos valores democráticos que o jornalista cultivava.

A Árvore de Gernika é um livro extenso, com quase quinhentas páginas. Há um material farto que pode ser objeto de futuros estudos. A transparência do repórter em relação ao seu processo de apuração e cobertura de guerra pode servir como uma boa fonte de reflexão e estudos acerca do fazer jornalístico, da ética jornalística e do papel do repórter em relação ao assunto de sua cobertura jornalística. Há, também, um potencial grande para o estudo e análise do papel da imprensa como defensora da democracia.

Mais adiante, saindo do campo da comunicação e tomando como premissa que a história é cíclica, estudos sobre a Guerra Civil Espanhola, suas causas e seus desdobramentos podem ser muito úteis para a análise e entendimento de movimentos fascistas que surgem ao redor do planeta. As características do fascismo não variam muito de um país para outro; compreender a história e aprender com ela pode fazer com que não estejamos fadados a repetir os erros do passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1979.

BUADES, Josep M. **A Guerra Civil Espanhola**. São Paulo: Contexto, 2013.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COHEN, J. Conflict Reporting: Emotional Attachment, a Sense of Morality and Reporting Objectively. *Pacific Journalism Review*, vol. 16, no. 1, pp. 113-124. 2010.

CUNHA, Maria Jandyra C. **História com tinta, voz e sangue**. Narrativas na correspondência de guerra do século XX. In: Fábio Henrique Pereira; Dione Oliveira Moura; Zélia Leal Adghirni. (Org.). **Jornalismo e Sociedade: Teorias e Metodologias**. 1a. ed., Florianópolis: Insular, 2012.

DAVID, Hadassa Ester. *Guerra e narrativa: um estudo dos relatos jornalísticos de Martha Gellhorn*. 2014. 107 f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/15877>. Acesso em: 12/09/2018.

DEACON, D. Elective and Experiential Affinities: British and American foreign correspondents and the Spanish Civil War. *Journalism Studies*, vol. 9, no. 3, pp. 392-408. 2008

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GERHARDT, T. D. et al.. Estrutura do projeto de pesquisa. In: **Métodos de Pesquisa**. GERHARDT, T.E. & SILVEIRA, D.T. (orgs.). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HANKINSON, Alan. **Man of Wars: William Howard Russel of The Times**. London: Heinemann, 1982.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2000.

McLAUGHLIN, Greg. **The War Correspondent**. Londres: Pluto Press, 2002.

MEDEL, Manuel Ángel Vázquez. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex.

Jornalismo e literatura: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2005. p. 15-28.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; BERTOLLI FILHO, Claudio. *A Guerra Civil Espanhola*. São Paulo: Ática, 1996. (Série “História em movimento”).

MELO, Isabelle Anchieta. A defesa de uma nova objetividade jornalística: a intersubjetividade. *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*, [s. l.], 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2M4miQP>. Acesso: 24/09/2019

MEURET, I. *Rebels with a Cause: Women Reporting the Spanish Civil War*. *Literary Journalism Studies*, vol. 7, no. 1, pp. 76. 2015.

MORAES, F. Subjetividade. *Revista Extraprensa*, v. 12, n. 2, p. 204-219, 19 ago. 2019. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153247?fbclid=IwAR2E2QuYrid6E8WC15A5cDzKV9c7XEFUxNsUpX1Rp_F1bqYQE7OqQQv349Y
Acesso: 26/09/2019

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (orgs.), 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. Trabalho apresentado ao NP de Jornalismo, do Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom em 2006. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>. Acesso: 15/09/2019.

RESENDE, Fernando. **Textuações: ficção e fato no Novo Jornalismo de Tom Wolfe**. São Paulo: Annablume Fapesp, 2002.

RUIGROK, N. Journalism of attachment and objectivity: Dutch journalists and the Bosnian War. *Media, War and Conflict*. Vol. 1(3): 293–313. Los Angeles, London, New Dehli, Singapore e Washington DC: Sage, 2008.

SATO, Nanami. Jornalismo, literatura e representação. In: CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2005. p. 29-46.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia: Uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SILVA, Gislene e MAIA, Flávia. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. Rumores Revista Online de Comunicação, Linguagem e Mídias. SP, v.10, n. 5, jul-dez, 2011
<<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/rumores/article/viewFile/7936/733>>
Acesso em: 12/09/2018

STEER, George Lowther. **A árvore de Gernika: Um estudo de campo da guerra moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

THOMAS, Hugh. **A Guerra Civil Espanhola**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

WILLIAMS, K. War correspondents as sources of history: Problems and possibilities in journalism historiography. Media History, vol. 18, no. 3-4, pp. 341. 2012.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br